



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RODRIGO ANDRÉS BRAVO MORENO

Cem anos de solidão e o Massacre das bananeiras: literatura, História e ensino

Recife

2023

RODRIGO ANDRÉS BRAVO MORENO

Cem anos de solidão e o Massacre das bananeiras: literatura, História e ensino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Isabel Cristina Martins Guillen

Recife

2023

RODRIGO ANDRÉS BRAVO MORENO

Cem anos de solidão e o Massacre das bananeiras: literatura, História e ensino

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Aprovado em: 27 de Novembro de 2023.

Banca Examinadora

(Isabel Cristina Martins Guillen, Professora e Doutora em História vinculada à UFPE).

(Antonio Paulo de Moraes Rezende, Professor e Doutor emérito vinculado à UFPE).

(José Dário dos Santos, professor e Mestre pela UFPE).

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Moreno, Rodrigo Andrés Bravo .

Cem anos de solidão e o Massacre das bananeiras: literatura, História e ensino
/ Rodrigo Andrés Bravo Moreno. - Recife, 2023.
55 : il.

Orientador(a): Isabel Cristina Martins Guillen

Coorientador(a): Antonio Paulo de Moraes Rezende

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Licenciatura,
2023.

Inclui referências, anexos.

1. Cem anos de solidão. 2. Massacre das Bananeiras. 3. Ensino de História. 4.
História das relações trabalhistas na Colômbia. I. Guillen, Isabel Cristina Martins .
(Orientação). II. Rezende, Antonio Paulo de Moraes. (Coorientação). IV. Título.

900 CDD (22.ed.)

A Francine e Ivanilda; minhas mães.
Mulheres de coração valente.
A meu avô, que já não está mais presente:
Severino Travassos, *in memoriam*.

Agradecimentos

Agradeço, sobretudo, à vida. Sem ela, nada disso existiria. O sopro que nos dá a gana, faz-nos em companhia. Convém então ressaltar a alegria; na paz ou na tristeza, que ela prevaleça. Não seria eu, caso não fosse outros. A mim chega a me ser oportuno revelar a profunda admiração na qual partilhei a quem me rodeia, e me rodeou. Como Freud nos revelou, antes de tudo, nossa mãe. O útero materno que se constitui em nossa primeira residência. Em todos os poetas do mundo, a palavra falha na empreitada de retornar à primeira casa. Nessa frustração, faz-se poeta. Como acreditava Rubem Alves, a *ostra feliz não faz pérola*. Ao irrompermo-nos ao mundo, nos sujeitamos à perversidade do grão de areia.

Nascer-se constitui um trauma, mas agradecemos por ele. Não poderia ser diferente, é o início do processo de aprendizagem. Trauma é uma ferida aberta na alma, como disse Jeanne Marie Gagnebin, e o nascimento é a vida aberta ao mundo – como trauma. Não somos ostras, e nossa pérola não se restringe à materialidade dela. Como agradecer, portanto, a quem já não mais é matéria? Eis a questão etérea. De todo modo, faço-o. Contradigo, perfaço. A meu avô, dedico a maior parte desses agradecimentos. Não por ter sido melhor, mas dado à complexidade do ato. Fracasso em convertê-lo em cifras e, apesar de tentar, indefiro-o.

Agradeço imensamente à toda minha família materna, pela paciência em interpretar quem sou eu no mundo. O alento nunca ausente, hoje me faço de repente. Minha avó Nida (ou Enilda), meu avô Travassos, minha mãe Francine, tia Daiana, tia Karina, Kethlyn, Duda, Clarissa, Giovanna e Ryan – todos que me apelidaram carinhosamente de Rô. Além disso, não poderia deixar de agradecer também à minha família paterna, dentre os quais meu pai, Feliciano, e meus avós, Choli e Chan.

A meus amigos, que me incluíram como uma família, também os agradeço. Pablo, Ton e Douglas, além de Raquel e Cezário – pessoas espetaculares. Além disso, agradeço a Guinho e Allysson, pelas inúmeras conversas fora. Dedico um agradecimento também a Talison, pelas conversas nas quais é impossível não aprender geopolítica.

Por fim, como não seria diferente, agradeço imensamente à minha orientadora Isabel Guillen. Sem seus direcionamentos, imprescindíveis, estaria eu perdido na escrita do presente trabalho. A calma e sabedoria transparecem de sua pessoa, e o mundo contempla inexoravelmente sua existência. Além dela, agradeço também aos professores Bruno Kawai, Antonio Paulo Rezende e Rômulo Xavier, pelas conversas e aulas de proveitosas aprendizagens.

*La vida no es la que uno vivió, sino la que recuerda
y cómo la recuerda para contarla.*

Gabriel García Márquez.

*Amor será dar de presente um ao outro a própria solidão?
Pois é a coisa mais última que se pode dar de si.*

Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho visa estabelecer conexões entre a escrita literária de Gabriel García Márquez e as representações criadas sobre o Massacre das bananeiras. *Cem anos de solidão* se tornou uma obra exemplar para compreender o que se convencionou conceituar como “boom da literatura latino-americana”. Após a revolução cubana, todo o continente americano viveu uma efervescência política que irradiou aos campos da literatura, não sendo distinto com García Márquez. Dessa maneira, a escrita ficcional se converteu em uma forma de denúncia ao imperialismo latino-americano, sobretudo a partir do emergente real-maravilhoso. Objetivamos, portanto, compreender três condições fundamentais: 1º) Quem foi Gabriel García Márquez e o quais vivências o influenciaram para a escrita do romance; 2º) Quais significados podemos estabelecer sobre o Massacre das bananeiras para a Colômbia da primeira metade do século XX; e 3º) Como podemos pensar as referidas informações para o ensino de História, visando uma melhor compreensão a respeito da formação das classes trabalhistas latino-americanas – já nas considerações finais.

Palavras-chave: Gabriel García Márquez. *Cem anos de solidão*. Real-maravilhoso. Massacre das bananeiras.

ABSTRACT

The objective of this present work is to establish connections between the literary writing of Gabriel García Márquez and the representations created about the Massacre of the banana trees. *One Hundred Years of Solitude* has become an exemplary work to understand what is conventionally conceptualized as the “boom of Latin American literature”. After the Cuban revolution, the entire American continent experienced a political effervescence that radiated into the fields of literature, not unlike García Márquez. In this way, fictional writing became a form of denunciation of Latin American imperialism, especially from the point of view of the emerging ‘*real-maravilloso*’. We aim, therefore, to understand three fundamental conditions: 1st) Who was Gabriel García Márquez and what inspired him to write the novel; 2nd) What meanings can we establish about the Massacre of the banana trees for Colombia in the first half of the 20th century; and 3rd) How we can use this information for teaching History, aiming at a better understanding of the formation of Latin American labor classes – in the final considerations.

Key-words: Gabriel García Márquez. *A hundred years of solitude*. Real-marvelous. Banana massacre.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 -	Tabela estatística das greves colombianas entre 1920-1929.	32
------------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Gabo Gabriel García Márquez

UFC United Fruit Company

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	GABO E O <i>REAL-MARAVILLOSO</i>	16
2.1	ITINERÁRIO DE CEM ANOS DE SOLIDÃO	16
2.2	A REVOLUÇÃO CUBANA E MARIO VARGAS LLOSA	21
2.3	GABO: ENTRE VIDA E OBRA	25
2.4	SOBRE O CONCEITO DE <i>REAL-MARAVILHOSO</i>	30
3.	A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA E O MASSACRE DAS BANANEIRAS	34
3.1	HISTORICIDADE DO MASSACRE	34
3.2	A <i>UNITED FRUIT COMPANY</i>	40
3.3	O MASSACRE DAS BANANEIRAS	43
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6.	REFERÊNCIAS	54

1. INTRODUÇÃO

A História enquanto disciplina foi, sobretudo ao longo do século XIX, instrumentalizada para legitimar governos e Estados Nacionais. De outra maneira, os usos da História também trilharam a ideia de que os documentos e as fontes trariam os discursos legítimos, dos quais os historiadores deveriam extrair uma verdade absoluta. Embebida nos ideais do positivismo, a História carregou consigo o intento de objetividade das ciências naturais para se reafirmar enquanto Ciência. Em contrapartida, autores como Michel de Certeau, Marc Ferro, Le Goff, Roger Chartier, Paul Ricoeur entre outros, trataram de repensar a História e as possibilidades de usos das fontes. Nesse sentido, no que ficou conhecido como a Nova História, os autores abriram margem a uma aproximação interdisciplinar, sobretudo com a Antropologia e Sociologia, mas também da crítica literária, no estudo das culturas e do cotidiano.

Nessa corrente, já não mais se percebe o documento como voz uníssona da verdade absoluta, e sim como um componente a nos guiar frente a um problema proposto – a pergunta problema. Paralelamente, por meio dos movimentos que culminaram na conceituação da ‘*Linguistic Turn*’, ao longo do século XX, os paradigmas da escrita da História foram confrontados. A atenção à linguagem para a constituição referencial da realidade, por sua vez, atraiu a História aos campos literário e do discurso. Autores como Foucault, Roland Barthes, e Hayden White prestaram grande contribuição nesse sentido. São colocadas em cena também novas discussões, sobretudo as envolvidas nas relações entre o universal e o individual, conhecimento conceitual/abstrativo e, mais uma vez, a construção da verdade histórica.¹

Apesar disso, a edificação de um texto literário se difere essencialmente da do historiográfico – o critério de verdade é posto em pauta. Entretanto, autores como o Luis Costa Lima² investigam a condição aporética da verdade, isto é, sua condição inata de não poder ser dita em completo. É nesse sentido que a pluralidade de fontes se faz imprescindível, ao pesquisador em História, pois que, dessa maneira, daria uma forma mais precisa aos indícios disseminados por um hipotético evento – na urdidura de seu tecido narrativo.

¹ STRAUSS, Danie. **Understanding the Linguistic Turn and the Quest For Meaning: Historical Perspectives and Systematic Considerations**. South African Journal of Philosophy: Dept of Philosophy, University of the Free State, Bloemfontein 9300, P.O. Box 339. Published online: 04 Jun 2013.

² LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**.

Ademais, compreendendo o historiador na qualidade de um sujeito dotado de intenções, por meio das quais seleciona o que pretende ou não usar, subjetivamente, pode-se perceber a fragmentariedade da constituição do conhecimento histórico – campo onde não há possibilidade de “*Um para mim vale mil, se for o melhor*”³. Não havendo um melhor, na prática historiográfica, haveria *mil* historiadores que narraram a importância de um evento. Assim, a contraposição entre documentos e fontes se faz necessária, isso para que a verdade não seja mais percebida enquanto identificada, mas sim construída e reconstruída discursivamente – sobretudo em consonância à diversidade analítica, coletivamente. A partir de uma só fonte não se torna possível construir conhecimento histórico científico, seja ela documental ou historiográfica.⁴

A História discorre de um grande problema de cunho heurístico: ela não toca seu objeto de estudo diretamente. É, pois, uma ciência hermenêutica – requer interpretação. Como aponta Jablonka, tanto a História quanto a Literatura partilham da particularidade da linguagem em construir um axioma de identificação.⁵ Isto é, de discursar sobre o objeto sem a presença física do referido. Agregando a essa reflexão, de acordo com Paul Ricoeur:

Se continua sendo verdade que ‘a ontologia só é possível como fenomenologia’, a própria fenomenologia só é possível como hermenêutica, na medida em que, sob o regime do esquecimento, a dissimulação é a condição primeira de todo empreendimento de mostração última.⁶

O autor defende que a dissimulação e o esquecimento pertencem à "condição primeira" de qualquer investida humana, cultural – portanto, constituída na prática fenomenológico-hermenêutica.⁷ Ou seja, o embate sublime⁸ entre a recordação e o olvido, intenção cãnone da ciência histórica, realizar-se-ia a partir de um esforço dialético entre *intentio* e *distentio animi*. A essa dialética agostiniana, Ricoeur relaciona algumas ideias de Heidegger, contidas em *Ser e tempo*, para distinguir a interpretação (que parte do *intentio*) da compreensão (quintessência do ser em *distentio animi*). Interpretação seria, em suma, para Ricoeur, o desenvolvimento último da compreensão.⁹ O *intentio*, para Agostinho, relacionava-se com o esforço consciente (atenção que intenta) que atua contra o esquecimento

³ GALENO, De Dignoscendis Pulsibus, VIII, 733.

⁴ CHARTIER, Roger. **Debate: Literatura e História**. Topoi: Rio de Janeiro, 1999. Nº 1, pp. 197-216.

⁵ JABLONKA, Ivan. **La historia es una literatura contemporánea: Manifiesto por las ciencias sociales**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016. Pág. 19.

⁶ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa - Tomo III**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1997. Pg. 107.

⁷ Prática Hermenêutica que, por sua vez, seria uma derivação direta da fenomenológica e, portanto, da ontológica.

⁸ KANT, Immanuel. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**.

⁹ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa - Tomo III**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1997. Pg 109.

– a pretensão inalcançável de eternidade. Já o *distentio animi*, isto é, a distensão da alma, seria a forma natural e humana, que tende ao esquecimento – o fugidio, isto é, diametralmente oposto ao eterno.¹⁰

Em temporalidades, e na interpretação das mesmas (memória), o tempo cronológico e estratificado é ultrapassado, pois que, tratando-se de multiplicidade temporal, exacerbam o que se compreende como presente. Dessa forma, na tentativa de representar, de maneira generalizada, a América Latina, Gabriel García Márquez tece em sua narrativa uma temporalidade idílica, mistificada, composta por José Arcadio Buendía e Úrsula no momento em que fundam Macondo. Interpretando a dialética individual entre *intentio* e *distentio animi* em Gabriel García Márquez, no que nos é possível inferir, podemos perceber a relação entre Aracataca, cidade onde o autor viveu parte de sua infância, e a conversão idílica de Macondo, em mito.¹¹ Podendo revelar as elaborações fundantes e discursivas das nações latino-americanas, mistificadas, o período inicial do livro é o seguinte:

Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo.¹²

É também nessa relação entre mito e verdade que reside a relevância da obra em contexto colombiano. Ao narrar o Massacre das Bananeiras de maneira literária, Gabo aponta ter percebido as potenciais implicações na distorção dos acontecimentos. Para isso, recorreu ao que foi escrito historiograficamente sobre o tema. Percebeu a inconclusão quanto ao número de trabalhadores assassinados, sobretudo por forte antagonismo militar e governamental, os quais delegavam números muito baixos, mas carente de referências.

O autor resolveu então criar a estimativa de três mil mortos, pois considerou mais adequada à relação entre o ocorrido e o narrado. Como ressalta Vera Elisabeth Gerling¹³, a estimativa de García Márquez alcançou na memória colombiana a fidelidade necessária para servir de representação à constante violação de direitos, por parte de agressões governamentais e militares a seus trabalhadores.

Mito, olvido e o nativo - com a memória; o *ser* é seletivo. A proposta deste estudo é, em suma, investigar as maneiras pelas quais um instigante lúdico e literário pode interagir para a compreensão do outro, à medida em que se compreende a si mesmo, referindo-nos a

¹⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Dizer o Tempo**. Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História. Editora Âmagô: Rio de Janeiro, 1997.

¹¹ TEJA, Ada Maria. **El tiempo en: Cien años de soledad**. Chasqui Vol. 3, No. 3 (Mayo - 1974), pp. 26-39

¹² MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1928.

¹³ GERLING, Vera Elisabeth. **“Cien años de soledad” y las falsedades de la historiografía**.

alunos da rede básica de ensino. Em suma, o presente trabalho objetiva investigar o que se pode agregar de aprendizagem, tendo como problema base os usos de um texto literário para o ensino de História. Para tal, investigaremos a trajetória do autor e o conceito de *real-maravilloso*, na primeira parte; na segunda, delinearemos os movimentos trabalhistas e as greves colombianas na década de 1920, que culminaram no Massacre das bananeiras; e na última, abordaremos as formas de agregar *Cem anos de solidão* ao ensino de História.

2. GABO E O REAL-MARAVILLOSO

2.1. ITINERÁRIO ATÉ CEM ANOS DE SOLIDÃO

Publicado oficialmente em junho de 1967, pela Editorial Sudamericana, em Buenos Aires, Argentina, *Cem anos de solidão* não tardou a alcançar grandes tiragens para a época. Inicialmente, as 10 mil cópias relativas à primeira edição foram vendidas em alguns dias após sua publicação. Mais ainda, em aproximadamente três anos e meio depois de sua divulgação, a novela ultrapassou meio milhão de exemplares vendidos.¹⁴ Não obstante o espantoso sucesso que *Cem anos de solidão* tenha alcançado, quase que de imediato, isso não necessariamente se realizou em razão de um forte prestígio que Gabriel García Márquez pudera ter obtido por meio de suas obras precedentes. A obra pode ser considerada um dos principais exemplos do que se convencionou chamar, na literatura, de *boom latino-americano* das décadas de 1960 e 1970. Ao movimento, incluíam-se autores como Carlos Fuentes, Julio Cortázar, Juan Rulfo, Octavio Paz, Mario Vargas Llosa, Jorge Luís Borges, Alejo Carpentier, Juan Carlos Onetti, além do próprio Gabo.

Inundado em problemas financeiros, Gabo¹⁵ permaneceu um ano e meio em certo claustro, para a escrita do romance. Alojava-se tanto tempo em seu escritório que nem mesmo seus filhos o viam durante a maior parte do dia, dentre os quais um recém nascido, isto é, Gonzalo García Barcha – que, junto com seu outro filho Rodrigo García, ficava sob cuidado de Mercedes Barcha, a esposa do escritor. Nem mesmo ela, sua esposa, o interrompia, de maneira que oito a dez horas diárias constituíram uma média cronológica de escrita para a conclusão da novela.¹⁶ Apesar das jornadas extenuantes de escrita, involucradas por fumaças de charutos e cigarros, Gabriel García Márquez levou dezoito meses para concluir as aproximadas 1.300 folhas sobre as quais estava escrito *Cem anos de solidão*. O autor vivia então na residência situada na *Calle de La Loma*, de número 19, nas *Lomas de San Angel Inn - México*.

Em 1961, o autor viajou para Nova York com sua esposa, e de lá construiu o arriscado trabalho na Prensa Latina, associado às Nações Unidas. E lá permaneceu somente até 1962, quando retornou por haver se demitido, juntamente com seu amigo Plínio Apuleyo de Mendoza. Entre o referido ano, quando foram publicados *Os funerais da Mamãe Grande* e *O*

¹⁴ LLOSA, Mario Vargas. **García Márquez: História de um deicídio**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2022. p. 73-74.

¹⁵ Gabriel García Márquez, como é popularmente conhecido na Colômbia.

¹⁶ *Ibidem*.

veneno da madrugada (1962). Entretanto, até 1965 houve certo ‘silêncio literário’ do colombiano. Nesse entretempo, mudou-se para o México e lá tentou uma carreira de roteirista de cinema. Com isso, escreveu *Tempo de morrer*, construindo um enredo trágico baseado no velho oeste norte-americano e publicado em 1965.¹⁷ Sobre as distinções entre a escrita literária e a cinematográfica, ressalta Márquez:

Escrever para o cinema, ao invés de me esterilizar como romancista, ampliou minhas perspectivas. Trabalhando no cinema, tive a oportunidade de refletir sobre as diferenças entre os dois meios de expressão. Ao contrário do que antes acreditava, agora estou convencido de que as possibilidades do romance são ilimitadas.¹⁸

Desde seu primeiro romance publicado, *La hojarasca* (1955), já se referia à região de Macondo – a qual dizia a respeito de uma fazenda direcionada ao plantio de banana, nas proximidades de Aracataca.¹⁹ Em seus primeiros contos e novelas, já se compreende uma particularidade própria tanto do autor quanto da corrente na qual participou; a visão cíclica e repetições partilhadas por meio do *real-maravilloso*. Em todas as suas narrativas precedentes a *Cem anos de solidão*, Gabo explora uma subjetividade consciente, na intenção de ocasionar embates narrativos entre os personagens. Temáticas como o suicídio são abordadas, sobretudo nos primeiros contos, como também da morte no geral, por meio dos quais a influência de Kafka ainda é mais perceptível. O estranhamento psicológico ao comportamento dos personagens, desconexão com a realidade e a naturalidade com o absurdo são condições presentes nos textos.²⁰

Em *A terceira renúncia*, por exemplo, um garoto com 7 anos de idade morre pela primeira vez, de febre tifóide. No entanto, o médico o torna vivo “mais além da morte”, não obstante seu corpo consciente tenha se encontrado dentro de um caixão. Suas funções orgânicas continuavam em pleno funcionamento, por meio de um “complexo sistema de autonutrição”.²¹ O médico ordenou à mãe para alterar o ataúde, já que o corpo do personagem morto-vivo continuaria crescendo – como o fez até aos 25 anos. O carpinteiro, o médico e a

¹⁷ LLOSA, Mario Vargas. García Márquez: **História de um deicídio**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2022. p. 62-72.

¹⁸ “Cien años de un pueblo” (entrevista). Visión, 21 de julio de 1967. Revista internacional, p. 28.

¹⁹ Segue a referência: “[...] me pareció tan poco convincente como el de Barranquilla, pues también carecía del soplo mítico que buscaba para la novela. Así que decidí llamarlo con el nombre que sin duda conocía de niño, pero cuya carga mágica no se me había revelado hasta entonces: Macondo.” MÁRQUEZ, Gabriel García. **Vivir para contarla**. p. 356.

²⁰ Esses contos, publicados antes de 1950, são: “A terceira renúncia”; “Eva está dentro de seu gato”; “Diálogo do espelho”; “Tubal-Cain forja uma estrela”; “A outra costela da morte”; “Olhos de cão azul”; “Amargura para três sonâmbulos”; “Nabo”; “Alguém desarruma estas rosas”; e “A noite dos Alcaravões”.

²¹ MÁRQUEZ, Gabriel García. “A terceira renúncia”. In: **Olhos de cão azul**. 10ª Ed. Editora Record: Rio de Janeiro, 1974. p. 9.

mãe se mobilizaram para manter as condições apropriadas do ataúde, enquanto o garoto crescia – mas impossibilitado de se comunicar.

No entanto, a fita métrica não mais indicava sua vida em morte – já que havia parado de crescer, após os 25 anos. Logo, sua mãe pressentiu sua morte, assim como o fizera o personagem. Souberam que morreu novamente, e assim termina o conto. Suas similaridades com a narrativa de *La hojarasca* nos fazem inferir a condição de complementaridade entre seus contos e seus romances. Apesar disso, Macondo ainda não havia sido mencionada – isso porque o conto data de 1947, e a ideia de recriar Macondo se deu na viagem com sua mãe para Aracataca, em 1950.

Assim como *La hojarasca*, *Isabel vendo chover em Macondo* teve sua publicação no ano de 1955. Nesse curto monólogo, Márquez explora pela primeira vez uma condição que se tornou também característica de *Cem anos de solidão* – a metáfora da chuva, resposta à melancolia das conturbações sociais. Entretanto, tanto o conto quanto a referida novela, além de publicados no mesmo ano, constituíam-se em fragmentos do mesmo texto. A metáfora da chuva, portanto, iria ser incluída em *La hojarasca*, mas se consolidou em um texto à parte. O que se narra, portanto, é a subjugação dos seres humanos, e suas catástrofes, à ordem, ou desordem, que a natureza provoca – por meio da chuva.

Notemos que, em um dado momento, narra-se o jardim. Nele, já não mais há uma diversidade de plantas – tão-somente o jasmineiro perdura, como representação, ou alegoria, de uma reminiscência maternal. Ainda no jardim, uma vaca o invade, e nele permanece, imóvel, ainda que “*humilhada pela chuva*”²². Suas patas afundam no barro, violando as formas de locomoção – tudo provocado pela chuva. A natureza subjugando a natureza – em suma, o mundo extra-humano ocorrendo propriamente, devastando-se, sem possibilidade de controle, mas delineado pela narrativa. O monólogo, cronologicamente, ocorre entre o domingo e a quinta-feira, que é quando a chuva cessa. Entretanto, o tempo humano é embaralhado, e eis uma de suas razões de sê-lo: “*Estávamos paralisados, narcotizados pela chuva, entregues ao desmoronamento da natureza, em uma atitude pacífica e resignada.*”²³

Já *Cem anos de solidão* totaliza os textos precedentes. Ou seja, constitui-se em uma ideia geral, um mundo criado a respaldo de outros fragmentos textuais. Mas vai além, o Massacre das bananeiras é narrado com base em uma fonte histórica específica. Ainda que

²² MÁRQUEZ, Gabriel García. **Olhos de cão azul**. Editora Record: Rio de Janeiro, 1974. p. 66.

²³ *Ibidem*, p. 67.

falseada, essa fonte²⁴ serviria de embasamento parcial para o fluxo narrativo do texto. Na novela, narra-se a história da família Buendía, em suas sete gerações. Começando pelo casamento incestuoso entre José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán Quotes, primos, termina também em razão de um incesto, cometido entre Amaranta Úrsula e Aureliano Babilonia. Também primos, tornam-se pais de Aureliano, último membro da família, o qual nasce com um rabo de porco – o mito do rabo de porco segue transversalmente enquanto pano de fundo ao romance, desde seu início.

Ao fugirem da culpa, José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán Quotes dão início à fundação de Macondo – isso porque Prudencio Aguilar, ao fazer caso da relação de ambos, afirmando uma impotência a José Arcadio Buendía, é assassinado pelo mesmo. A fantasia garciamarquiana segue o mito de que a desgraça acompanharia os descendentes da família, devido ao incesto. De acordo com Lacan, o mito “é o que dá uma formulação discursiva a algo que não pode ser transmitido na definição de verdade”²⁵.

Macondo constitui, portanto, uma espécie mitológica arquetípica da América Latina. A família Buendía, embebida precisamente em *Cem anos de solidão*, é também uma alegoria à solidão da própria América Latina. Em sua fundação, constrói-se um cenário idílico, sem diferenças de classes ou entidades políticas. Além disso, já na primeira frase do romance, faz-se alusão à memória, isto é; narra-se um evento que não mais ocorre, mas lembra-se. Diz:

Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitaram por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos.²⁶

De acordo com Eric Nepomuceno, a referida primeira sentença do livro veio a García Márquez enquanto estava passando o final de semana em Acapulco, em 1965. Ao retornar para casa, iniciou a escrever o que se tornou *Cem anos de solidão*.²⁷ O Coronel Aureliano Buendía é um dos protagonistas do enredo, pois figura um caudilho Liberal durante as guerras civis que irradiam a Macondo. Além disso, sua solidão é tão intensa quanto a da família, sendo essa uma condição presente nos aurelianos posteriores. A repetição dos nomes é uma

²⁴ VARGAS, Carlos Cortés. **Los sucesos de las bananeras: historia de los acontecimientos que se desarrollaron en la zona bananera del Departamento del Magdalena, 13 de noviembre de 1928 al 15 de marzo de 1929**. La Luz: Bogotá, 1929.

²⁵ LACAN, J. (2008). **O mito individual do neurótico ou A Poesia e verdade na neurose** (C. Berliner, trad.). In J. Lacan. **O mito individual do neurótico** (pp. 9-44). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 13.

²⁶ MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996. p. 7.

²⁷ NEPOMUCENO, Eric. Gabriel García Márquez: duas anotações para um perfil. In: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2016, p. 21.

constante no romance, entre Aurelianos, Arcádios, Úrsulas e Rebecas. Entretanto, não são só os nomes que costumam ocorrer novamente, senão também os eventos – o tempo sendo cíclico, característica das narrativas míticas, os eventos se repetem, com outros personagens.

José Arcadio, irmão do Coronel Aureliano, também se torna um iminente personagem do liberalismo em Macondo. Entretanto, ao contrário do irmão, corrompe-se. A distribuição de terras ocorre de maneira desigual, enquanto José Arcadio governa a cidade – todo o território de Macondo passa a pertencer à família Buendía, tornando os demais habitantes meros arrendatários, sem direito à posse. A narrativa segue então da fundação colonial de Macondo à sua modernização, tendo como eixo de transição o advento da companhia bananeira. Por meio dela, instalaram-se trilhos de trem, modificaram-se o curso dos rios, a arquitetura, etc. De maneira geral, a decadência de Macondo se relaciona diretamente com a fuga da companhia bananeira, após o massacre.

Na novela, mito e realidade contracenam – sobretudo em relação às realidades vivenciadas pelo autor em seu itinerário mnemônico. Podemos perceber, em suma, as maneiras pelas quais diversos fatores concorreram ao escrito de *Cem anos de solidão*. Melquíades, o cigano, é construído em articulação com as relações alquímicas, na novela. Nela, o personagem detinha chaves interpretativas da realidade fornecidas por Nostradamus, em sua “*poesia da ciência*”. Tanto que, na linha sequencial narrativa do romance, há um paralelo fornecido pelos escritos do cigano, que não pode ser decifrado até que o último membro da estirpe seja acometido por seu destino - assim como o de toda a família. De maneira semelhante, mas já sobre Faulkner, Sartre infere que: “*Em O som e a fúria, tudo se passa nos bastidores: nada acontece, tudo aconteceu.*”²⁸ A narrativa de Gabriel García Márquez segue, em toda a novela, uma estratégia análoga aos romances de Faulkner, na qual o narrador é engendrado em sua onipotência, onisciência e onipresença. Ou seja, apesar de invisível, há uma transferência de quem narra para o alter-ego do autor, que no caso é Melquíades – extirpando a temporalidade cronológica da narrativa.

Dessa forma, além do uso da terceira pessoa, garantindo um fluxo narrativo que distancia os eventos de quem narra, o narrador também se converte em personagem. Nesse caso, no romance, Gabo resolve o problema indissolúvel da verdade: Melquíades já havia vivido e escrito toda a história da família Buendía e, portanto, abole a distinção entre significante e significado. Isso porque o significante, isto é, o manuscrito da história da família, é também toda a vivência subjetiva da condição humana dos Buendía; tornando-se

²⁸ SARTRE, Jean-Paul. **Sobre O som e a fúria: a temporalidade na obra de Faulkner**. In: FAULKNER, William. *O som e a fúria*. Companhia das Letras: São Paulo, 2017. p. 366.

significado. No momento em que Aureliano Babilônia decifra o manuscrito, o passado, portanto, é toda a verdade que existe; tornando-se presente.

2.2 GABO: A REVOLUÇÃO CUBANA E MARIO VARGAS LLOSA

O livro do escritor peruano Mario Vargas Llosa, intitulado de *García Márquez: História de um deicídio*, organiza-se enquanto um dos compêndios mais vastos sobre a trajetória do autor colombiano. A obra se constitui também na tese de doutorado do Llosa, pela *Universidad Complutense de Madrid*, publicada em 1971. Tendo em vista as dimensões alcançadas pelo livro, em relação à biografia de Gabriel García Márquez, iremos abordá-la de maneira correlacionada. Entretanto, já em relação aos percalços e às disruptivas relações, ambíguas, entre os dois escritores, algumas considerações precedentes se fazem necessárias, antes de nos aprofundarmos na respectiva obra.

No geral, as polêmicas envolvendo Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa se referem sobretudo a um episódio específico, inflamado pela imprensa, no qual o autor peruano dá um “*puñetazo*” no colombiano. Essa cena ocorreu no ano de 1976, em seu décimo segundo dia de fevereiro, durante a pré-estreia de um filme, no México.²⁹ Apesar de diversas testemunhas, o episódio permanece inconcluso. Quando José Carvajal lhe pergunta “¿*Qué fue lo que ocurrió realmente entre usted y García Márquez? ¿Por qué fue que se enemistaron?*” Llosa responde: “*Bueno, eso vamos a dejárselo a los historiadores*”.³⁰ Tão somente disse ao Gabo, após o golpe, “¿*Esto, por lo que le hiciste a Patricia en Barcelona!*”³¹, de acordo com algumas testemunhas. A Patricia sobre a qual o Llosa se refere, após golpear o colombiano, era sua então ex-esposa, e prima, Patricia Llosa.

Esse episódio foi detalhadamente reconstruído por meio da obra dos escritores Ángel Esteban e Ana Gallego, intitulada *De Gabo a Mario*. Como podemos hipotetizar, existe a possibilidade de que tudo tenha ocorrido em detrimento de ciúmes, entre os escritores. Para discutir um pouco mais essa relação, pretendo reconstruir algumas reflexões a respeito do ocorrido a partir da História Oral, analisando a transcrição de algumas testemunhas do evento. Estas narrativas estão presentes no livro da jornalista colombiana Silvana Paternostro, intitulado *Solidão e companhia: a vida de Gabriel García Márquez contada por amigos, familiares e personagens de Cem anos de solidão*.

²⁹ PATERNOSTRO, Silvana. **Solidão e companhia: a vida de Gabriel García Márquez contada por amigos, familiares e personagens de Cem anos de solidão**.

³⁰ AYEN, Xavi. **Aquellos años del boom García Márquez, Vargas Llosa y el grupo de amigos que cambió todo**. Editora Debate, 2014. p. 508.

³¹ PATERNOSTRO, Silvana.

No capítulo 31 do mencionado livro, a autora relaciona alguns trechos de entrevistas transcritas a respeito do *nocaute*. Pessoas próximas ao autor colombiano dão seus testemunhos sobre o evento, como Rodrigo Moya, fotógrafo responsável pela imagem do autor colombiano de olho roxo; Guillermo Angulo, Plinio Apuleyo Mendoza e Gregory Rabassa, escritores e amigos muito próximos do colombiano. Além disso, o diretor Jaime Abello Banfi também dá seu testemunho.

Na tentativa de não enquadrar os testemunhos como verdades absolutas, iremos meramente analisar o que foi dito, tomando como referência para reflexões. Nesse ínterim, o relato de Guillermo Angulo diz que sabe exatamente tudo o que ocorreu – posição da qual suspeitaremos. Afirma que Llosa se relacionava com múltiplas mulheres, e que estava com outra quando sua então ex-esposa o confrontou, dizendo: “*Noñ pense que noñ sou atraente. Amigos seus como Gabo estavam atrás de mim.*”³²

Guillermo, aponta que Gabo lhe teria contado tudo diretamente, mesmo dias antes do *nocaute*, e disse: “*Noñ, olha, ela [Patricia Llosa] está dando em cima de mim, mas gosto muito do Mario, mesmo que estejam separados [...] Tenho meu público*”. Já Rodrigo Moya, afirmando o que Mercedes Barcha lhe teria dito: “*O fato é que Mario é um idiota ciumento. É um idiota ciumento*”³³. Aqui, percebe-se que as testemunhas recorrem ao que outras pessoas lhe teriam dito, de maneira indireta, já que o enunciado está sendo narrado em perspectiva de pessoas alheias. Assim também é reforçado pelo testemunho do Plinio Apuleyo Mendoza, ao descrever o que teria acontecido, de acordo com seu ponto de vista. Isso nos faz duvidar a respeito da verossimilhança do que está sendo narrado.

Contudo, Rodrigo Moya infere de maneira mais precisa o conjunto da situação. Afirma ele:

Todo mundo vê uma questão sexual ou erótica, e isso pode ou não ter sido verdade. Mas os três [Gabo, Llosa e Patricia] são os únicos que sabem o que aconteceu. Mais do que uma disputa política, eles viveram uma separação. Vargas Llosa já havia se movido surpreendentemente para a direita.³⁴

Referindo-nos à História de um deicídio, Guillermo Angulo narra que o livro “*noñ está mais disponível porque Mario não quer que seja reimpresso.*” E Gregory Rabassa reafirma: “*Mario não permitiu que fosse traduzido. Cass Canfield já havia conversado com os dois. A Harper publicava os dois [em espanhol e sua tradução em inglês], mas ele disse*

³² *Ibidem*, p. 284.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*, p. 286.

que não.”³⁵ Como resultado, o livro permaneceu por muito tempo afastado das livrarias, após 1976.

Nesse quesito, tocamos em outro momento de inflexão na relação entre Gabo e Llosa; seus posicionamentos políticos. Gabo chegou a ser membro do Partido Comunista e foi também colunista da Prensa Latina, junto com seu amigo Plinio Apuleyo – jornal encabeçado pelo então novo governo revolucionário em Cuba, responsável por difundir as informações do que ocorria naquele país mundo afora. A chamada “*operación verdad*”, para contrapor as notícias disseminadas sobretudo pelos EUA a respeito da Revolução Cubana, reuniu diversos jornalistas e espectadores de todo o mundo, inicialmente, para acompanharem o julgamento de Sosa Blanco – que foi utilizado posteriormente por Gabo para a escrita de *O outono do patriarca*, publicado em 1975.³⁶

Já Vargas Llosa, apesar de também ter se posicionado favoravelmente ao novo governo de Fidel Castro, e até ter visitado a ilha durante a Crise dos mísseis, em 1962, no entanto, no decorrer dos anos 1970 alterou radicalmente suas posições. Seu posicionamento controverso talvez possa ser melhor compreendido por meio de sua autopercepção de escritor como um tipo crítico, supostamente não se comprometendo portar ideologias de um governo específico, mas a partir de percepções próprias e autônomas – como afirma.³⁷ Além disso, houve um momento decisivo que demarca inflexões e rupturas de Llosa com o regime cubano: o caso Padilla, em 1971. Em carta, vários intelectuais se reuniram para denunciar um suposto sectarismo exercido pelo regime cubano, em razão do encarceramento do poeta Heberto Padilla.³⁸ Diz-se:

Los abajo firmantes, solidarios con los principios y objetivos de la Revolución Cubana, le dirigimos la presente para expresar nuestra inquietud debido al encarcelamiento del poeta y escritor Heberto Padilla y pedirle reexamine la situación que este arresto ha creado. Como el gobierno cubano no ha proporcionado información alguna relacionada con este arresto, tenemos la reaparición de una tendencia sectaria mucho más violenta y peligrosa que la denunciada por usted en marzo de 1962, y a la cual el Comandante Che Guevara aludió en distintas ocasiones al denunciar la supresión del derecho a la crítica dentro del seno de la revolución.³⁹

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ LLOSA, Mario Vargas. García Márquez: História de um deicídio. Editora Record: Rio de Janeiro, 2022. p. 56.

³⁷ VARGAS LLOSA, Mario apud LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. São Paulo: 1973, p. 157-160.

³⁸ ARREOLA, José. **Julio Cortázar y Mario Vargas Llosa ante el caso Padilla**. Cuadernos Americanos 174 (México, 2020/4), pp. 63-88.

³⁹ “Primera carta de los intelectuales latinoamericanos y europeos a Fidel Castro”.

O texto surgiu originalmente no jornal francês Le Monde, em 9 de abril de 1971, e foi assinado por Simone de Beauvoir, Italo Calvino, Carlos Barral, José María Castellet, Fernando Claudín, Julio Cortázar, Jean Daniel, Marguerite Duras, Hans Magnus Enzensberger, Jean Pierre Faye, Carlos Franqui, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, Juan Goytisolo, Luis Goytisolo, Alain Jouffroy, André Pieyre de Mandiargues, Joyce Mansour, Dionys

As inflexões do Llosa não ganharam profundidade no presente texto, visto que os objetivos traçados são outros⁴⁰. Porém, o evento representa, além do início das mudanças políticas do Llosa, a influência da Revolução de 1959 para o consequente *boom* latinoamericano – diversos autores do movimento assinam a carta. Llosa lançou uma de suas principais obras logo após a Revolução; *La ciudad y los perros*, em 1963. Assim como Cortázar, que publicou *Rayuela* em 1963. *La muerte de Artemio Cruz*, de Carlos Fuentes, foi publicado em 1962, confluindo as reminiscências da Revolução porfirista a partir das expectativas socialistas direcionadas à Revolução Cubana. García Márquez alcança, em 1967, o apogeu do movimento literário. Ainda em 1967, mas antes do lançamento oficial de *Cem anos de solidão*, em 10 de maio de 1967, Cortázar escreve uma carta a Roberto Fernández Retamar intitulada de *Situación del intelectual latinoamericano*. Nela, o autor não prescinde da condição latinoamericana para a literatura após a Revolução Cubana; ou seja, suscita a ideia de que se fazia necessário canalizar os escritos intelectuais e literários para a condição latinoamericana, tendo em vista a justiça social. A Revolução socialista, portanto, deveria ser acompanhada pela Revolução das letras.⁴¹

Além de se tornar uma alegoria totalizante às sociedades latinoamericanas, e de todo terceiro mundo, *Cem anos de solidão* também reconstrói literariamente alguns eventos particulares que concernem à História da Colômbia. Llosa, ainda que não se dedique profundamente a esta investigação, correlaciona informações pertinentes a respeito da vida de García Márquez, que o influenciaram à escrita. A relevância do *García Márquez: História de um deícidio* para os estudos do autor colombiano diz respeito ao esforço do Llosa em reunir anedotas, entrevistas, informações biográficas e do processo criativo em seus escritos.

Entretanto, uma compreensão do Llosa a respeito da própria condição por meio da qual o texto se realiza, é sua fuga da realidade. Ao afirmar que todo romancista é um deícidia, por exemplo, percebe-se que o autor peruano compreende o romance enquanto uma realidade alternativa, que exaspera a que se vive. Entretanto, não partiremos desta forma de ‘teoria do texto’. Roland Barthes, em *O prazer do texto*, nos refere que a escrita, lida, proporciona a fruição. Por meio dela, vivificam-se as experiências perpassadas, tanto quanto as vindouras –

Mascolo, Alberto Moravia, Maurice Nadeau, Hélène Parmelin, Octavio Paz, Anne Philipe, Jean Pronteau, Paul Rebeyrolle, Rossana Rossanda, Francisco Rossi, Claude Roy, Jean-Paul Sartre, Jorge Semprún e Mario Vargas Llosa. Em: <<https://rialta.org/primera-carta-de-los-intelectuales-a-fidel-castro/>>. Acessado em 26/01/2023.

⁴⁰ Sobre o tema, ver: COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)**. UFMG: Minas Gerais, 2009.

⁴¹ CORTÁZAR, Julio. **Carta a Roberto Fernández Retamar: situación del intelectual latinoamericano**. 1967.

pois a linguagem edifica o que é real. O texto, portanto, enquanto narrativa, preenche uma lacuna da própria realidade, por meio da comunicação intratextual, não necessariamente criando um paralelo externo⁴² – como propõe Llosa. Além de criar um imaginário, o texto, naturalmente, é o advento da ideologia.

Dessa forma, o livro é dividido em duas partes fundamentais. Na primeira, Llosa se dedica a investigar “*A realidade real*”, e já na segunda “*A realidade ficcional*”. Ambas se interrelacionam e, incapazes de se distinguirem plenamente, constituem-se em uma forma organizacional do livro – não enquanto articulado pelo García Márquez intencionalmente em suas obras. Na primeira parte, o autor peruano realiza uma bifurcação; existem dois capítulos. O primeiro se refere à “*Realidade como anedota*”, e ao segundo intitula “*O romancista e seus demônios*”. Neles, Llosa intenta esmiuçar algumas particularidades da história de vida do autor colombiano, a partir de três “demônios” centrais: o social, o cultural e o pessoal (que condizem também à família). Dessa maneira, o autor conceitua de demônios os pontos que catalisaram a fuga de García Márquez da realidade ao texto – que parte da rasa percepção de Llosa a respeito da natureza textual, que contrapomos brevemente à do Barthes. Como ressalta Chartier, com alguma semelhança: “a função-autor não transforma, desloca ou distorce a personalidade singular do indivíduo escritor, mas somente dá existência a uma ausência, a um vazio.”⁴³

2.3. INFLUÊNCIAS BIOGRÁFICAS DO AUTOR

Gabriel Eligio García, pai de Gabo, chegou em Aracataca a partir de sua nomeação na qualidade de telegrafista da cidade, que ainda vivia reminiscências do esplendor bananeiro. Foi nela que conheceu sua esposa, e mãe de seus filhos, Luisa Santiaga Márquez – mãe do Gabo. No entanto, nasceu e viveu parte de sua infância e juventude em Sincé, mudando-se de lá em busca de melhores condições de vida. Muitos outros indivíduos seguiram o mesmo caminho, devido à indústria das bananas; movimento que ficou conhecido popularmente como *la hojarasca*⁴⁴ – título do primeiro romance publicado pelo escritor colombiano, em 1955.

⁴² “O brio do texto (sem o qual, em suma, não há texto) seria a sua vontade de fruição: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas.” BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1987. p. 23.

⁴³ CHARTIER, Roger. **Debate: História e Literatura**. Topoi, Rio de Janeiro, n° 1, pp. 197-216.

⁴⁴ A folharada, na tradução literal. Porém, o livro do Gabo, com o referido título, é traduzido por “A revoada”.

No entanto, não foram os seus pais que lhe serviram de inspiração para que Gabo construísse a Macondo de *Cem anos de solidão*. Foram seus avós maternos. O coronel Nicolás Ricardo Márquez Mejía, que se casou com sua prima-irmã Tranquilina Iguarán Cotes. Essa relação adquire misticidade em Macondo, já que seus fundadores, isto é, José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán Quotes, são também primos. Além disso, José Arcadio Buendía chega a Macondo logo após ter assassinado Prudencio Aguilar, mas já arrependido. Essa história teria sido inúmeras vezes contada a Gabo, já que seu avô materno, Nicolás Márquez, também o fez a um companheiro seu, cujo nome é Medardo Pacheco Romero.⁴⁵

O referido coronel foi também fonte de inspiração para que Gabo tivesse escrito *Ninguém escreve ao coronel*, publicado em 1961. Sobretudo devido à sua eterna espera da aposentadoria militar, por ter participado da Guerra dos Mil Dias, da qual seu avô nunca recebeu – no livro, enquadrado a partir de seu hábito taciturno em confisgar ansiosamente as correspondências todas sextas-feiras, das quais nunca chega a aguardada notícia de sua aposentadoria.

A família materna de García Márquez constituía parte da aristocracia já decadente de Aracataca. Dessa forma, a participação de seu avô materno no que ficou conhecido como uma das guerras civis mais sangrentas e traumáticas para a História da Colômbia (1899-1902) lhe garantiu certo prestígio social – ainda que não usufruído totalmente por Gabo, que saiu de Aracataca aos 8 anos de idade. Seus pais, Luisa Márquez e Gabriel Eligio, foram alvo de uma recusa inicial ao casamento, por parte de seus avós maternos. Compreendia-se, portanto, que um telegrafista da *zona bananeira* não era digno de se casar com uma aristocrata. Não obstante, o casamento se realizou, entretanto sob a condição de que o casal não residisse mais em Aracataca, mas em Riohacha, cidade do litoral atlântico colombiano, como assim o fizeram.

Há ambiguidades em relação à data de nascimento de Gabriel García Márquez. Em seus documentos, a data se refere ao dia 6 de março de 1928, ano exato do Massacre das bananeiras. Porém, no já referido livro da Silvana Paternostro, Luis Enrique García Márquez (irmão) e Rafael Ulloa (primo) relataram que o autor colombiano alterou sua data de nascimento, sobretudo para fazer coincidir com o ano do Massacre das bananeiras – ou seja, teria nascido em 6 de março de 1927, exatamente um ano antes.

De qualquer forma, quando seus pais precisaram se mudar para Riohacha, Gabo permaneceu em Aracataca, ainda criança, sob os cuidados de seus avós maternos. Essa

⁴⁵ MARTIN, Gerald. **Gabriel Garcia Marquez: A Life**. Editora Knopf: San Diego, 2009.

condição possivelmente explica o desencadeamento de um trauma vivenciado pelo escritor, ao visitar a casa com sua mãe, já enquanto estudante de Direito, para vendê-la. Foi em 1936 que saiu de Aracataca e, por conseguinte, deixou a casa de seus avós, aos oito anos de idade, quando foi estudar no Liceu Nacional de Zipaquirá.⁴⁶ Já em 1947, tornou-se estudante da Faculdade de Direito da Universidade Nacional, onde conheceu o já referido Plinio Apuleyo de Mendoza – amigo que se tornou íntimo, com o qual escreveu um livro de entrevistas pessoais, *El olor de la guayaba*, publicado em 1982.

Gabriel García Márquez não chegou a terminar sua faculdade de Direito. Entretanto, foi durante o período em que ainda estudava na Universidade Nacional que teve seu primeiro conto divulgado em um periódico. Intitulado de *A terceira renúncia*, foi publicado ainda em 1947 pelo jornal *El espectador*, junto a uma nota de Eduardo Zalamea Borda. Gabo relembra que, na referida nota, o jornalista teria comentado que “‘com aquele conto surgia o gênio da literatura colombiana’, ou algo parecido”, como narrou.⁴⁷

Em 1948, ao se mudar de Barranquilla para Cartagena, García Márquez iniciou suas atividades enquanto jornalista. Trabalhou no *El Universal* até 1950, quando abdicou do referido jornal, assim como da faculdade de Direito. Além disso, foi também nesse ano que retornou a Aracataca com sua mãe, para vender a casa abandonada aos escombros, do coronel Nicolás - seu avô. Foi enquanto escrevia para *El Heraldo* que vivenciou um dos maiores traumas de sua vida; reencontrar sua mãe aos 45 anos, para vender a casa de seus avós em Aracataca – na qual tinha vivido até aos oito anos de idade. Era um sábado, dia 18 de fevereiro de 1950, quando Gabo e sua mãe iniciaram a viagem que os levaria de Barranquilla a Aracataca.

Apesar da relutância do escritor, a balança entre seus gastos e despesas inviabilizaria a manutenção da casa pela família. Em *Vivir para contarla*, livro de memórias por meio do qual o autor colombiano narra suas principais vivências, aos 75 anos, Gabo expõe a preocupação melancólica de sua mãe a respeito de seu futuro, já que abandonou a faculdade para se tornar escritor/romancista. Toda essa cena é reconstruída enquanto ele e sua mãe viajam de barco à Aracataca, na qual defrontava-se à angústia em perceber suas irreais nostalgias mistificadas dos lugares pelos quais retornavam a atravessar: “*La nostalgia, como siempre, había borrado los malos recuerdos y magnificado los buenos*”.⁴⁸

⁴⁶ MÁRQUEZ, Gabriel García. **Vivir para contarla**. p. 3.

⁴⁷ Papeles: revista del Ateneo de Caracas, ano I, n. 5, novembro-dezembro de 1968.

⁴⁸ MÁRQUEZ, Gabriel García. **Vivir para contarla**. p. 6-17.

Ademais, ainda em seu livro de memórias, Márquez relembra o cenário de quando retornou ao cômodo exato onde teria nascido, de acordo com sua mãe. Observando a casa aos escombros, as tradicionais amendoeiras arrancadas e os jasmineiros carcomidos pelas formigas, Gabo relata a frustração provinda do embate entre a nostalgia e a realidade. Foi nessa casa que teria recebido personagens ilustres da política colombiana, como Rafael Uribe Uribe e Benjamín Herrera Cortés.⁴⁹ Teria sido também nela que vivenciara sua primeira cena de escritor, embebido em nostalgias, como narra aos 75 anos, lembrando o momento em que retornou ao cômodo em 1950:

No lo sabía hasta entonces, o lo había olvidado, pero en el cuarto siguiente encontramos la cuna donde dormí hasta los cuatro años, y que mi abuela conservó para siempre. La había olvidado, pero tan pronto como la vi me acordé de mí mismo llorando a gritos con el mameleuco de florecitas azules que acababa de estrenar, para que alguien acudiera a quitarme los pañales embarrados de caca. Apenas si podía mantenerme en pie agarrado a los barrotes de la cuna, tan pequeña y frágil como la canastilla de Moisés. Esto ha sido motivo frecuente de discusión y burlas de parientes y amigos, a quienes mi angustia de aquel día les parece demasiado racional para una edad tan temprana. Y más aún cuando he insistido en que el motivo de mi ansiedad no era el asco de mis propias miserias, sino el temor de que se me ensuciara el mameleuco de nuevo. Es decir, que no se trataba de un prejuicio de higiene sino de una contrariedad estética, y por la forma como perdura en mi memoria creo que fue mi primera vivencia de escritor.⁵⁰

Por meio deste trecho, podemos relacionar uma particularidade da condição do autor; isto é, sua propensão a perceber a realidade por meio de hipérboles. Porém, já aos 75 anos, lembrando sua hesitação de não sujar novamente o mameleuco para não o tornar ‘feio’, o atribui à sua tendência estética, que teria sido posteriormente trabalhada por meio da prática escritora. Caso à parte, o mameleuco diz muito a respeito das relações de trabalho da Colômbia da década de 1920, ainda com fortes resquícios da escravidão – já que cumpria uma forma de servidão à família.

Como relembra Llosa, Gabo lhe deixava uma impressão de anti-intelectualismo que, apesar de uma imaginação audaz, era avessa à abstração teórica, quase sempre constituída de anedotas.⁵¹ Nessa perspectiva, suas experiências remotas adquiriram novos significados, à medida que se distanciava delas, não se furtando em narrá-las. Italo Calvino, em *As cidades invisíveis*, nos recorda que:

[...] o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um

⁴⁹ *Ibidem*, p. 35.

⁵⁰ MÁRQUEZ, Gabriel García. **Vivir para contarla**. p. 35.

⁵¹ LLOSA, Mario Vargas. García Márquez: **História de um deicídio**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2022. p. 76.

passado mais remoto. [...] a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.⁵²

Também ao longo da década de 1950, trabalhou em jornais como *El Heraldo* e *El Espectador* – este último por meio do qual viajou para a Europa, em razão de ter ganhado um concurso nacional de contos em 1955.⁵³ Em exílio na capital francesa, Gabo continuou escrevendo contos e crônicas, talvez constituindo-se na década mais profícua do autor colombiano, em termos de quantidade de escritos. Escreveu *Relato de um naufrago*; *Isabel vendo chover em Macondo* e *Ninguém escreve ao coronel*. Este último, aclamado pela crítica, foi escrito enquanto o autor estava em Paris. Llosa e Gabo, em épocas distintas, vivenciaram a mesma situação; isto é, tiveram de se habituar a viver no espaço compreendido entre a cobertura do telhado e o forro da laje de um hotel – para a aeração (água-furtada). E, frente a isso, ambos escreveram dois livros aclamados pela crítica. A condição dos latino-americanos quando em território europeu foi motivo de espanto a ambos autores. Segue a referência:

E o mais interessante é que Mario se encontrou numa situação idêntica em 1960 e disseram a mesma coisa, para subir à água-furtada, e ele também ficou muito tempo sem poder pagar. Graças a isso, eu escrevi *Ninguém escreve ao coronel* e Mario escreveu *A cidade e os cachorros*.⁵⁴

Já em 1957, viajou para Moscou com Plinio Apuleyo Mendoza. Dissertou a respeito em alguns artigos, publicados nas revistas *Elite*, da Venezuela, e *Cromos*, de Bogotá. A narrativa de Llosa a respeito desses artigos pode ser apreendida, por sua vez, em sua tendenciosidade de escritor crítico às experiências soviéticas. Enfatiza os lados obscuros da narrativa de Gabo, em sua condição denunciadora, sobretudo quanto às experiências da Alemanha Oriental. Escreve a respeito de uma fartura alimentícia, mas às custas de um amargo viver – principalmente em razão do “*mal gosto arquitetônico*”⁵⁵.

No entanto, a narrativa se altera ao mencionar as experiências de Gabo na Tchecoslováquia. Sempre enfatizando que as reportagens a respeito dos regimes socialistas do escritor colombiano possuem alto grau de objetividade, Llosa opera a partir da seguinte referência:

⁵² CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Companhia das Letras, 1990. 1ª ed. p. 28.

⁵³ MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996. p. 1.

⁵⁴ LLOSA, Mario Vargas. García Márquez: **História de um deicídio**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2022. p. 47.

⁵⁵ *Ibidem*, p.49.

É o único país socialista onde as pessoas não parecem sofrer de tensão nervosa e onde não se tem a impressão – falsa ou verdadeira – de estar sendo controlado pela polícia secreta.⁵⁶

É válido questionar o tipo de objetividade que Llosa pretende, ao direcioná-la às narrativas de viagem do escritor colombiano pelos regimes soviéticos. No entanto, podemos perceber a notória ambiguidade pelas quais perpassa Gabo, à medida em que conhece e abrange sua compreensão de socialismo soviético. A respeito das viagens, iremos nos referir agora em talvez um ponto crucial delas, para a escrita de *Cem anos de solidão*; uma evocação alquímica. Como abordou García Márquez:

Há uma ruazinha – a rua dos Alquimistas – que é um dos poucos museus feitos com senso comum. Foi o tempo que o criou. No século XVII, havia ali umas lojinhas nas quais se vendiam invenções maravilhosas. Os alquimistas queimavam as pestanas nos fundos buscando a pedra filosofal e o elixir da vida eterna. A ingênua clientela que esperou boquiaberta pelo milagre – sem dúvida economizando dinheiro para comprar o elixir da vida eterna quando ele fosse posto na vitrina – morreu esperando boquiaberta. Depois morreram também os alquimistas e com eles suas fórmulas magistrais que nada mais eram que poesia da ciência. Agora as lojinhas estão fechadas. Ninguém tentou falsificá-las para impressionar os turistas. Em vez de deixarem que elas se encham de morcegos e teias de aranha para mostrar sua idade, as casinhas são pintadas todos os anos de amarelos e azuis rudimentares, infantis, e continuam parecendo novas, mas não com um novo de agora, e sim do século XVII. Não há placas nem referências eruditas. A gente pergunta aos tchecos: ‘O que é isto?’ E os tchecos respondem com uma naturalidade tão humana que nos sentimos no século XVII: ‘Essa é a rua dos Alquimistas’.⁵⁷

2.4. SOBRE O CONCEITO DE *REAL-MARAVILLOSO*

Entretanto, se mesmo o Llosa reconhece superficialmente a capacidade designativa de *Cem anos de solidão*, é porque o romance possui também condições realistas. Não à toa, apesar de maravilhoso, contudo, ainda existe realismo. Tentaremos definir, em suma, o que entendemos por *real-maravilloso*, e o porquê de, insistentemente, utilizarmos-nos do referido conceito, já que poderíamos abordá-lo como realismo mágico, realismo fantástico, entre outros termos.

De acordo com Todorov, o *maravilhoso* é também uma condição particular do *fantástico*. Nesta chave interpretativa, o maravilhoso traria maior especificidade ao que tentamos designar por meio do conceito – *real-maravilloso*. Isto é, o fantástico possui outras dimensões que escapam ao maravilhoso, assim como o *maravilhoso puro* escapa ao fantástico. Ao que cabe primariamente a definição de fantástico, em *A narrativa fantástica*, Todorov menciona que seria tudo aquilo que escapa à concepção alegórica da narrativa. Ou

⁵⁶ *Ibidem*, p. 50.

⁵⁷ *Ibidem*.

seja, seria o que nega o universo ficcional em suas estruturas basilares, seja em sua explicação ou na total ausência dela.⁵⁸

Em *Teoria dos símbolos*, Todorov define a alegoria a partir dos românticos germânicos – e Goethe. A partir de então, este conceito seria exatamente aquilo que vai na contramão do símbolo; isto é, o descaso em representar a realidade de maneira *intransitiva*. A alegoria não se refere, portanto, à tentativa de *perceber* a realidade, como o símbolo o faz, mas tão somente de recriá-la de maneira *inteligível*, sendo *transitiva*. O símbolo, portanto, representa. Em sua tentativa de estabelecer uma lei geral, entre signo e significante, do particular ao geral, consolida-se. Já a alegoria, designa. Em sua empreitada inversa, do significante ao signo, do geral ao particular, não perde sua capacidade representativa, mas a penetra em segundo plano, pelo véu do mito. Podemos definir, então, o símbolo enquanto indutivo; já a alegoria, enquanto dedutiva.⁵⁹ Como percebemos:

O fogo natural será apresentado [na obra de arte], ainda que no limite, sujeito a um fim artístico, e com razão chamamos essas apresentações de simbólicas. [...] É a coisa sem ser coisa, e ainda assim é a coisa; uma imagem resumida no espelho do espírito e, mesmo assim, idêntica ao objeto. Como a alegoria, em compensação, permanece aquém; ela talvez seja cheia de espírito, mas a maior parte do tempo é retórica e convencional, e seu valor cresce na medida em que se aproxima do que chamamos de símbolo. (I 820; WA 41-1, p.142)⁶⁰

O fantástico, em um texto, é justamente seu momento de hesitação; permanece de maneira breve. Permanece, portanto, enquanto uma rápida experiência de dubiedade, na narrativa. E aqui se enquadram suas vertentes, de acordo com Todorov: se o fenômeno narrado é descrito e se diz condizente naquela realidade textual, o “sobrenatural narrado”, pertence ao *fantástico-estranho*, ou ao *estranho puro*. Caso não o permita e, pelo contrário, deve-se articular uma nova natureza devida ao evento, mas não descrita, conceitua-se por fantástico-maravilhoso, ou maravilhoso puro. O fantástico puro é aquela linha tênue que distingue o fantástico-estranho do fantástico-maravilhoso, na qual “pelo próprio fato de não ter sido explicado, racionalizado, nos sugere a existência do sobrenatural.”⁶¹

Adequamos o conceito de real em relação ao maravilhoso em razão dos seguintes fatores. O primeiro deles diz respeito à não existência de interpretar os eventos por meio da narrativa, pois não há o referido objetivo. E o que nos distancia do terreno do fantástico é que, nele, os eventos são impactados no curso da narrativa, causando, por exemplo, espanto nos

⁵⁸ TZVETAN, Todorov. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 147-166.

⁵⁹ TZVETAN, Todorov. **Teorias do símbolo**. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 315-327.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 322.

⁶¹ TZVETAN, Todorov. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 159.

personagens. O inverso disso, a total *indiferença* narrativa, relaciona-se ao maravilhoso. Em função disso, consideraremos mais adequado a proposta de associar o real ao maravilhoso, e não ao fantástico. Como aponta Todorov:

Existe afinal um maravilhoso puro que, da mesma forma que o estranho, não tem limites nítidos: obras extremamente diversas contém elementos de maravilhoso. No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos contados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos.⁶²

Assim ocorre, por exemplo, com Melquíades. Escrevendo um manuscrito, prenunciou a história da família Buendía até o último de seus descendentes. Proveniente de um incesto entre Amaranta Úrsula e Aureliano Babilônia, Aureliano, nascera, como já foi dito, com um rabo de porco. De acordo com a narrativa de Melquíades, o tempo inexistia na concepção humana; tudo e todos coexistiram, em fatos cotidianos, até ao momento em que o pergaminho pudera ser decifrado e, assim, a cidade dos espelhos (Macondo) seria destruída por uma ventania e caída no completo esquecimento.⁶³

Além disso, o termo real maravilhoso é edificado na América Latina pelo autor cubano Alejo Carpentier. Na tentativa de descrever as particularidades cotidianas da região, o maravilhoso se integra ao real à medida em que o repentino surge, creditado costumeiramente ao milagre por meio das culturas nativas. Compreendemos aqui o milagre não necessariamente em termos religiosos, mas de crença popular em algo que extrapola o sentido de realidade. Como afirma o escritor:

[...] o maravilhoso começa a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação não habitual ou particularmente favorecedora das desconhecidas riquezas da realidade, de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com especial intensidade em virtude de uma exaltação do espírito que o conduz a um modo de “estado-limite”.⁶⁴

⁶² *Ibidem*, p. 160-161.

⁶³ MÁRQUEZ, Gabriel García. Cem anos de solidão. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

⁶⁴ CARPENTIER, Alejo. Prólogo. In: O reino deste mundo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1966.

3. A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA E O MASSACRE DAS BANANEIRAS

3.1. HISTORICIDADE DO MASSACRE

Macondo se constitui em um fruto de ficção, mas que enseja artifícios da realidade – agudiza-a. O que pretendemos aqui, portanto, é perceber a referida dialética, em sua condição *real-maravillosa*. Para tal, existem dois acontecimentos políticos fundamentais por meio dos quais Márquez se embebeu para narrá-los, ainda que literariamente; o já mencionado Massacre das bananeiras e a onda de violência promovida pelo *Bogotazo*. De todos os eventos perpassados em *Cem anos de solidão*, o Massacre se constitui no melhor exemplo a ser analisado por diversas razões. A principal delas reside no fato de García Márquez tê-lo narrado a partir de discursos históricos de Aracataca.

Não partiremos da concepção que Llosa atribui ao Márquez; de que seja um “deicida” – por ter assassinado simbolicamente a realidade. Pelo contrário, o pressuposto a ser seguido reafirma essa realidade; em tom burlesco, Gabo reorganizou a historicidade colombiana – por meio de atributos literários. Antes de adentrarmos à temática do Massacre das bananeiras, que é alegorizada na novela, veremos seus condicionantes. Ou seja, analisaremos a situação trabalhista da Colômbia até 1928, percebendo as greves que culminaram no Massacre enquanto reações ao monopólio imperialista, exercido pela UFC.⁶⁵

A História da América Latina ao longo da década de 1920 é permeada de conflitos operários e camponeses. A emergência ou consolidação de organizações sindicais são acompanhadas por movimentos grevistas não somente na conjuntura colombiana, mas em todos os países do continente americano que se dedicaram à monocultura agroexportadora. As emergentes legislações trabalhistas ao longo da primeira metade do século XX, nesse ínterim, foram expressão não de concessões governamentais, mas do conflito entre classes. Como uma forma de conter as efusivas reivindicações trabalhistas da época, por direitos basilares, o Estado elaborou legislações a respeito de: descanso dominical, indenização por acidentes de trabalho, salário mínimo, salubridade, entre outros.

⁶⁵ Não à toa, a referida companhia era apelidada de *El pulpo*, ou seja, o polvo que, com seus tentáculos norte-americanos, manuseava recursos de outras nações.

A mobilização das classes trabalhadoras de toda a América Latina, na década de 1920, suscitou acirramentos políticos estigmatizados como o anticomunismo. Isso sobretudo em função das revoluções russa e mexicana – a Constituição de Querétaro de 1917, por exemplo, foi uma das pioneiras em instituir direitos sociais aos trabalhadores. Sobre o assunto, Jorge Enrique Elías Caro⁶⁶ possui um artigo, publicado em 2011, intitulado *Influencias de la revolución mexicana en los movimientos obreros y sindicales en Colombia*. No texto, o historiador analisa os mecanismos de controle internacional por meio dos quais os EUA se valeram para garantir sua condição de centro econômico-comercial do globo – mesmo com a efusão de movimentos revolucionários, impulsionados pelas revoluções russa e mexicana. Os governos das respectivas nações latinoamericanas intensificaram seus métodos de coerção, seja por ditaduras ou em vias supostamente democráticas. Na Colômbia, a conjuntura se realizou na hegemonia do Partido Conservador, que governou a nação entre 1886 e 1930.⁶⁷ Elías Caro afirma que:

No obstante, para los años veinte había un tercer grupo, aquellos considerados por Procacci como “sin dirección”, los cuales no presentaban ningún tipo de progreso desde el punto de vista político y social y estaban basados en una economía de monocultivos y de regímenes autoritarios y personalistas, es el caso de los países centroamericanos con el banano –bananas republic– y las islas del Caribe con la caña de azúcar.⁶⁸

A hegemonia conservadora⁶⁹ na Colômbia decaiu sobretudo em razão dos massacres ocorridos ao longo da década de 1920, dentre os quais o Massacre das bananeiras. É válido ressaltar que o referido evento não foi o primeiro da história colombiana, haja visto que funcionários da *Tropical Oil Company* também foram assassinados ao longo da mesma década. Nesse sentido, emergiram movimentos estudantis, trabalhadores e campesinos. Como resultado, os sindicatos ampliaram sua esfera de atuação – o que pode ser analisado por meio das tentativas governamentais em regulamentar as referidas organizações.⁷⁰

Em 1910, realizou-se, na Colômbia, uma reforma constitucional – ano do centenário da independência. Por meio dela, pretendeu-se intermediar o conflito bipartidário, a fim de

⁶⁶ O historiador é hoje vinculado à vice-reitoria de investigação da Universidad del Magdalena, da Colômbia, e possui abrangência nas áreas de História econômica e patrimonial, sobretudo nos territórios caribenhos colombianos. Além disso, foi doutorando pela PUC-SP.

⁶⁷ CARO, Jorge Enrique Elías. **Influencias de la revolución mexicana en los movimientos obreros y sindicales en Colombia**. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 39. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/5837>.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 94.

⁶⁹ É válido ressaltar que, apesar da dita hegemonia conservadora, não significa dizer que o partido se constituiu de maneira monolítica neste hiato (1886-1930), já que, internamente, houve conflitos e subdivisões que acarretaram em dissidências próprias do Partido Conservador.

⁷⁰ VALENCIA, Enrique. **El movimiento Obrero Colombiano**. In Pablo González Casanova (Coordenador) Historia del Movimiento Obrero en América Latina. México, Instituto de Investigaciones Sociales de la UNAM y Siglo XXI Editores. 1984. pp. 9 -151.

evitar novos conflitos nos moldes da Guerra dos Mil-Dias, ou mesmo a emergência de um poder autoritário. No centro do debate constitucional, localizava-se o sufrágio universal e o modelo de democracia a ser seguido. Apesar de a universalidade do sufrágio não ter sido introduzida na reforma de 1910, houve uma drástica mudança no sistema eleitoral. Criou-se uma Assembleia Nacional, tendo em perspectiva o fechamento do Congresso vigente desde Rafael Reyes, em 1905. Incluiu-se um sistema de proporcionalidade representativa na Assembléia, de maneira que o poder passou a ser exercido não por um grupo majoritário, mas particionado. Apesar disso, as eleições para o Senado continuaram indiretas.⁷¹

De acordo com Jorge Orlando Melo, o advento de eleições diretas resultou no fortalecimento do Partido Conservador – ainda que não tenha se estendido ao Senado, onde perdurava as eleições indiretas. Apesar de fortalecer, em tese, o sistema democrático e representativo por meio das eleições, contudo, costumeiramente eram realizadas de maneira fraudulenta – com o objetivo de perpetuar o referido partido no poder.⁷²

A legislação sindical colombiana ainda se encontrava fragmentada normativamente. Somente por meio da Lei 78 de 1919, por exemplo, introduziu-se a regulamentação governamental dos movimentos grevistas. Ao distinguir greves legítimas e ilegítimas, os movimentos só estariam contemplados na legislação caso se realizassem de maneira pacífica, e sob a orientação de melhorar suas condições higiênicas e salariais, ou para evitar o retrocesso delas. Caso contrário, a ilegitimidade da greve tornaria possível o uso da violência por meio do Estado para dissuadi-la. Além disso, a única garantia que os grevistas adquiriam ao estar de acordo com os termos era não serem enxotados pelo Exército Nacional.⁷³

Já a Lei 21 de 1920, '*La Ley de Huelgas*', adicionou nas normas grevistas um procedimento obrigatório prévio, por meio do qual se pôde negociar previamente com o patronato. Acertando os termos das greves com a classe empregadora, abrir-se-ia margem para a conciliação e, portanto, dificultaria a realização da greve. Instituiu-se também a necessidade de um Tribunal, por meio do qual se decidisse a legitimidade ou ilegitimidade das greves.⁷⁴ Dessa maneira, grande parte dos empregadores tentaram deslegitimar as greves que ocorreram ao longo da década de 1920 a partir da Lei 21.

⁷¹ RODRÍGUEZ, Acuña O. Y. **La reforma constitucional colombiana de 1910 y el sistema electoral (1910 – 1914)**. Historia Y Memoria, (2017), 97–126. <https://doi.org/10.19053/20275137.n14.2017.5817>. p. 5-7.

⁷² MELO, Jorge Orlando. **De Carlos E. Restrepo a Marco Fidel Suárez: Republicanismo y gobiernos conservadores**. En: Nueva Historia de Colombia, Vol III, edited by Álvaro Tirado Mejía, Jaime Jaramillo Uribe and Jorge Orlando Melo (Bogotá: Editorial Planeta, 1989), 25 February 2016, retrieved from http://www.jorgeorlandomelo.com/bajar/carlose_marco.pdf. p. 5-7.

⁷³ ROJAS, Fernando APUD MONCAYO, Víctor Manuel. **Luchas obreras y política laboral en colombia**. Bogotá: La Carreta, 1978. p. 340.

⁷⁴ *Ibidem*.

Alegavam que os movimentos estavam infiltrados por indivíduos não vinculados à empresa, o que dava margem para não negociarem diretamente com os grevistas. Isso ocorria porque, de acordo com a referida Lei, o processo de *arbitramento* deveria coincidir entre um empregado e um representante do patronato – além de uma figura conciliadora, nomeada de acordo com as duas partes. E como havia, por vezes, advogados e membros de certos partidos aderindo também às greves, sem vínculo direto à empresa ou a organização sindical, não raramente parcela do patronato não comparecia ao *arbitramento* – por artifício da Lei, em seu artigo segundo.⁷⁵

Como se torna perceptível, apesar de o arbitramento advir de um pressuposto legal de isonomia, não é o que se realizava ordinariamente. A desconexão de forças, entre a classe dirigente (patronal) e as classes subalternas (empregadas), era representada na própria Lei 21, tendo em vista a possibilidade de não comparecimento do patronato e, caso ainda assim as paralisações se realizassem, sem o arbitramento, enquadrar-se-iam como ilegítimas.

Já ao longo da década de 1910, ainda que as organizações sindicais se realizassem de maneira fragmentária, no entanto, por vezes se correlacionaram à atuação de certos partidos políticos, como o Partido Liberal ou mesmo o Conservador. Entre dezembro de 1918 e janeiro de 1919, criou-se a *Confederación de Acción Social*, em Bogotá. A referida confederação, pioneira no âmbito sindical, tinha como objetivos fundantes a elaboração de uma confederação de trabalhadores; maior coesão e organização sindical; possibilidade de eleger representantes nas assembleias e proibir os respectivos representantes de ingressarem à política partidária tradicional.⁷⁶

Ainda em 1919, o *Sindicato Central Obrero* se associou à Confederação de Ação Social. Além disso, convocou uma assembleia por meio da qual estabeleceu sua pretensão em se desvincular dos moldes Liberais e Conservadores da política sindical. Isso implicava ressaltar que a recém fundada organização pretendia reivindicar direitos trabalhistas por outras formas, que não por meio das conciliações – já que, mesmo o Partido Liberal, cedeu e até ampliou sua base à elite agro-exportadora para evitar crises internas. Dessa maneira, as organizações sindicais associadas possibilitaram uma maior coesão organizacional, por meio da qual se tornou possível o planejamento de greves em maior escala.⁷⁷

Apesar disso, a legislação trabalhista colombiana ainda era incipiente. Como observa Álvaro Tirado Mejía:

⁷⁵ CAJAMARCA, Diego Armando Varila. **Huelgas colombianas en la década del veinte.**

⁷⁶ URRUTIA, Miguel. **Historia del sindicalismo en Colombia, 1850-2013.** p. 53-59.

⁷⁷ *Ibidem.*

[...] en los enclaves del capital extranjero, donde a falta de leyes sociales y de una voluntad política estatal para hacer respetar la soberanía colombiana, se ejercían prácticas de explotación colonial contra los trabajadores del país. Huelga en las petroleras de Barrancabermeja en 1924. Huelga allí mismo en 1927. Huelga y peticiones de los trabajadores en la zona bananera de Santa Marta en 1918. Huelga para reclamar los mismos puntos no resueltos diez años después.⁷⁸

Ativistas e intelectuais também aderiram aos movimentos grevistas da década de 1920. De certa maneira, o governo, junto à aristocracia patronal, em detrimento do discurso anticomunista, legitimava ondas de violência contra os trabalhadores. Ainda assim, Raúl Eduardo Mahecha, militante e membro do Partido Socialista Revolucionário, tornou-se conhecido nos respectivos movimentos.

Mahecha nasceu em 13 de outubro de 1884, em Tolima. Conseguiu o título de Capitão, por ter participado na Guerra dos Mil Dias. Foi um autodidata, mas não se sabe ao certo como ocorreu sua formação. Participou de sua primeira greve em 1911, contra uma empresa britânica em Huila – departamento da Colômbia. Chegou a Barrancabermeja em 1923, e lá obteve experiências de conscientização da classe trabalhadora. No mesmo ano, tornou-se dirigente sindical, criando a *Unión Sindical Obrera* (USO). Além disso, criou o periódico *Vanguardia Obrera*, em 31 de outubro de 1923, e participou das três grandes greves da década de 1920: 1924 e 1927, junto aos trabalhadores da *Tropical Oil Company*, e a que culminou no Massacre das bananeiras, em 1928.⁷⁹ Com sua experiência grevista, construiu um método próprio de retórica, apelidado de *Mahechismo*⁸⁰. Diz ele:

Se necesita de mucha astucia y mucho conocimiento de la psicología del nativo colombiano para arrastrarlo tras nuestras ideas, y valerse, como he dicho, de cuentos de ‘aparecidos’ o de ‘hadas’ ya que es tan supersticioso, para, de cuando en cuando resbalarle dos o tres palabras ‘venenosas’ como ellos llaman a nuestras ideas.⁸¹

Dessa maneira, o anarco-sindicalista Mahecha recusava abordar os problemas nacionais enfrentados por meio de arcabouços teóricos. Pragmático, o militante buscava evocar as massas para a ação. Além disso, utilizava-se de anedotas que mais se assemelhavam aos contos de fadas, em linguagem popular, para se difundir popularmente – não se furtando

⁷⁸ MEJÍA, Álvaro Tirado. **La economía y lo social en la reforma constitucional de 1936**. Lecturas de Economía. No. 21. Medellín, septiembre-diciembre de 1986. p. 96.

⁷⁹ RODRÍGUEZ, Rafael Antonio Velazquez. Raúl Eduardo Mahecha Caycedo: luchador rebelde e intelectual orgánico. In: **¡Levántate y marcha! Movimientos sociales y política en Colombia (1920-1940)**. Editorial EAFIT: Medellín, 2021.

⁸⁰ CAJAMARCA, Diego Armando Varila. **Huelgas colombianas en la década del veinte**. p. 135.

⁸¹ ARCHILA, Mauricio. **De la revolución social a la conciliación? Algunas hipótesis sobre la transformación de la clase obrera colombiana (1919-1935)**, En: Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura, No. 12, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1984. p. 77.

aos sentimentos da religiosidade cristã. Entretanto, o historiador Mauricio Archila aponta que Mahecha teria se apropriado de estruturas caudilhistas para sua forma de liderança, ao mistificar seus discursos tendo em perspectiva ganhar legitimação, ainda que a médio-curto prazo. Ainda de acordo com o historiador, Mahecha acreditava que o potencial revolucionário das massas residia justamente a partir da afinidade atribuída a um líder.⁸² Em Buenos Aires, na Primeira Conferência de Partidos Comunistas da América Latina, realizada já no ano de 1929, Mahecha afirmou que:

[...] no podemos hablar de teorías, de dialéctica, porque todo eso es metafísica que nosotros no comprendemos, porque no tenemos la capacidad suficiente, y los colombianos y ecuatorianos estamos en ésta situación, somos compañeros, somos comunistas sin capacidad teórica, pero que tenemos una influencia efectiva en la masa obrera y campesina.⁸³

CUADRO No. 1
HUELGAS DETECTADAS 1920-1929, SEGUN
ACTIVIDADES ECONOMICAS

	Agricultura		Minería		Ind. Ma-nuf.		Construcción		Transporte		Serv. comunes		Trab. Gob.		Subtotal		TOTAL
	a.	b.	a.	b.	a.	b.	a.	b.	a.	b.	a.	b.	a.	b.	a.	b.	
1920	1	—	2	—	6	7	—	—	12	1	—	1	1	—	22	9	31
1921	—	—	—	—	3	—	2	—	2	1	—	—	1	—	8	1	9
1922	—	—	1	—	—	—	—	—	2	1	—	—	—	—	3	1	4
1923	—	—	—	—	1	1	—	—	1	2	—	2	1	—	3	5	8
1924	1	—	2	—	6	1	—	—	4	—	—	3	1	—	14	4	18
1925	—	—	3	—	2	—	—	—	8	1	—	—	1	—	14	1	15
1926	—	—	—	—	2	2	1	—	8	1	—	—	1	—	12	3	15
1927	—	—	—	—	1	1	—	—	5	3*	—	—	—	—	6	4	10
1928	1	—	—	—	2	—	—	—	6	—	1	—	—	—	10	—	10
1929	—	—**	—	—	2	—	1	—	1	2*	—	—	—	—	4	2	6
Subtotal	3	—	8	—	25	12	4	—	49	12	1	6	6	—	96	30	
TOTAL	3		8		37		4		61		7		6				126

* Se excluyen 'huelgas' de conductores contra disposiciones municipales.

** Se excluye "huelga" de arrendatarios de la zona Cafetera de Cundinamarca-Tolima (En-Fb).

a. Corresponde a trabajadores asalariados; b. trabajadores por cuenta propia (arts. o indpts.).

FUENTES: E.S. 1920, E.T. 1920-1929, E.E. 1920-1929, N.Y.T. 1920-1929, I. Torres G., 1973. L.H. 1925-1927.

Como podemos perceber na tabela acima, no ano de 1920 se concentrou o maior quantitativo de paralisações da década inteira. Além disso, em toda a década houve somente três greves no setor agroprodutor, uma das quais a de 1928, que culminou no massacre. O setor que mais concentrou as paralisações foi o de transportes, dentre as quais se inclui as ocasionadas pelos trabalhadores da *Tropical Oil Company*. Mauricio Archila aponta que o principal receio da classe industrial era o desenvolvimento de uma greve geral, por meio da qual se ampliase as cadeias de solidariedade entre distintos setores proletários – setores esses mencionados na tabela. A inflação e a alta no custo de vida, ainda de acordo com o

⁸² *Ibidem*.

⁸³ Ver: A. Gómez, 1980, p. 85. In: ARCHILA, Mauricio. **De la revolución social a la conciliación? Algunas hipótesis sobre la transformación de la clase obrera colombiana (1919-1935)**, En: Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura, No. 12, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1984. p. 79.

historiador, teriam sido o principal motivo para a dilatação das grades intersetoriais no desenvolvimento das greves.⁸⁴

Ainda de acordo com a tabela, não partiremos do pressuposto de que cada setor produtivo acima seja essencialmente distinto dos demais. Como cadeia produtiva, há uma interrelação que torna qualquer distinção dificultosa. De acordo com Marx, no *valor de uso* das mercadorias existe uma duplicidade na natureza do trabalho, que não se distingue claramente no produto final. Para a agroexportação de banana, por exemplo, não somente seu plantio, mas também a construção de ferrovias, para o transporte. Trabalho *simples*⁸⁵ e *complexo*⁸⁶ se interconectam para a realização da atividade final – tornar a banana acessível aos países de primeiro mundo. Dessa forma, as mercadorias são segregadas em subespécies de diferentes trabalhos úteis – setoriais, isto é, a divisão social do trabalho.⁸⁷ Além disso, Marx ressalta que:

[...] o trabalho não é a única fonte dos valores de uso que ele produz, a única fonte da riqueza material. Como diz William Petty: o trabalho é o pai, e a terra é a mãe da riqueza material.⁸⁸

3.2. A UNITED FRUIT COMPANY

A *United Fruit Company* foi introduzida ao comércio de banana em 1899, ano em que foi fundada no estado de Nova Jersey, nos EUA. Entretanto, o comércio de bananas na Colômbia remonta desde antes desta data. Isso porque a *Colombia Land Company* predominava no referido comércio, encarregada de escoar a produção internacionalmente já pelo século XIX – ainda que, antes de 1875, não tenha havido nenhuma plantação da fruta na Colômbia. Para evitar sua falência econômica, associou-se à *Boston Fruit Company*, por meio da qual se metamorfosearam na United Fruit Company.

As primeiras plantações de banana para a exportação foram introduzidas em 1887, advindas de Bocas del Toro, Panamá, por José Manuel González Bermúdez – ainda enquanto território colombiano, visto que o Panamá assegurou sua independência em 1904. É válido ressaltar que Bermúdez era colombiano, residente em Santa Marta, e foi um dos pioneiros na exportação das bananas para os EUA. No entanto, as então bananas eram da variedade *Gros Michel*, e grande parte da carga já chegava ao território estadunidense apodrecida. Devido aos

⁸⁴ ARCHILA, Mauricio. **De la revolución social a la conciliación? Algunas hipótesis sobre la transformación de la clase obrera colombiana (1919-1935)**, En: Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura, No. 12, Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1984.

⁸⁵ Mão-de-obra.

⁸⁶ Especializado.

⁸⁷ MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política – Livro I**. Boitempo editorial: São Paulo, 2020.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 121.

problemas na comercialização da banana, repassou à empresa *Sanders e Companhia*, a qual, por sua vez, revendeu os respectivos domínios à *Colombia Land Company*, em 1892 – que, nessa época, já pertencia a Minor Cooper Keith.

Keith nasceu no Brooklyn, em Nova York, no ano de 1848. Iniciou sua carreira no âmbito empresarial em 1871, junto a seu irmão – o qual, na época, administrava uma companhia de linhas de trem na Costa Rica. Com isso, Keith obteve experiência na aquisição e administração da empresa londrinense *Santa Marta Railway Company* nos fins da década de 1880, por meio da qual tornou possível a maior expansão de linhas de trem pela Colômbia – a fim de escoar a produção de bananas. Ou seja, ao longo das décadas de 1880 e 1890, Keith era a autoridade tanto da *Colombia Land Company* quanto da *Santa Marta Railway Company*, entrelaçando ambas no sentido de escoar as bananas a partir de lógicas próprias de comércio – unindo a produção e o transporte, em seus domínios.⁸⁹

Ainda nos anos finais do século XIX, Keith expandiu seus territórios de produção, por meio do representante legal da *Colombia Land Company* – o britânico W. C. Copperwaite. Isso porque grande parte das terras que produziam bananas não era de sua propriedade legal. A aquisição dos domínios de Bermúdez representa a referida investida, do qual comprou 3.333,3 hectares em 1893, na região de *Sevilla* – onde, por sua vez, construiu uma estrada de ferro em aproximadamente um ano após. Apesar das guerras civis que atingiram o período, incluindo a dos Mil-Dias, entre 1892 e 1905, as exportações de banana cresceram cerca de 500%, favorecendo o capital estrangeiro em detrimento do colombiano.⁹⁰

Na convergência entre a *Boston Fruit Company* e a *Colombia Land Company*, operaram alguns interesses particulares. Em relação a Keith, em 1898 passou por uma crise proveniente da falência de um grande banco nova-iorquino, que o deixou com uma dívida de cerca de U.S.\$1.5 milhões. Além disso, suas propriedades enfrentavam pragas, incêndio e outras tormentas. A *Hoadley and Company*, empresa responsável pela distribuição do produto e da qual Keith era sócio, também havia quebrado. É válido ressaltar que Keith tinha um matrimônio com Cristina Castro Fernandez, da classe dirigente costarriquenha - sobrinha do presidente Fernández Oreamuno – o que resultou também na influência territorial costarriquenha.⁹¹

⁸⁹ BRUNGARDT, Maurice P. La **United Fruit Company** en Colombia. *Innovar* (5). pp. 107-118. ISSN 2248-6968.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ *Ibidem*.

Para contornar as crises, realizou-se a já referida fusão entre a *Boston Fruit Company* e a *Colombia Land Company*. A primeira empresa também possuía hectares destinados à plantação de bananas para a exportação, sobretudo na Jamaica – mas também em Cuba e na República Dominicana. No entanto, seus territórios também estavam sujeitos às intempéries da natureza; furacões, inundações ou infertilidade. Desse modo, após negociações, decidiu-se a união de ambas as empresas, com Keith ocupando o cargo de primeiro vice-presidente e diretor da Companhia. Entretanto, a maior parte dos cargos diretivos foram direcionados aos antigos sócios da Boston Fruit Company. Inicialmente, a United Fruit Company contou com um capital autorizado em ações de U.S.\$20.000.000, dos quais 3.964 milhões pertenciam a Keith. Após isso, ainda em 1899, a UFC ampliou sua atuação adquirindo diversas outras pequenas companhias produtoras de banana, fosse de Boston, Panamá, Nova York, Nova Orleans, Cuba, Jamaica, República Dominicana, Baltimore, Nicarágua, Costa Rica ou Colômbia.⁹²

Não raramente, membros de importantes cargos diplomáticos na Colômbia eram os mesmos que representavam os interesses de Keith e companhia. Mansel F. Carr, britânico, foi um dos primeiros gerentes da Santa Marta Rail Company. Em 1908, foi nomeado vice-cônsul da Grã-Bretanha em Santa Marta. Depois dele, ocupou o respectivo cargo Phillip Marshall, gerente da companhia de estradas de ferro. Já em 1927, foi Thomas Bradshaw que se tornou o vice-cônsul, então gerente da UFC em Santa Marta.

A conhecida ‘*zona bananera*’ estava particionada em quatro distritos, dentre os quais se inclui Aracataca – além de Riofrío, Sevilla e Fundación. De maneira geral, estavam inclusos nos departamentos de Magdalena, Ciénaga Grande e Sierra Nevada de Santa Marta, com uma área que atingiu aproximadamente 40.000 hectares ao longo da década de 1920. Outrossim, internacionalmente, a empresa contava com 1.383.485 hectares, além de 2.434 quilômetros de estradas de ferro e 90 barcos para o transporte de bananas.⁹³ Até mesmo os agricultores autônomos se tornaram dependentes da UFC para comercializarem suas mercadorias, em razão do monopólio comercial exercido pela empresa. Vale ressaltar que:

It is estimated that there were 150.000 workers devoted to gathering banana crops for the UFC in the Great Caribbean Basin. 16.7% were Colombians. The UFC in the Magdalena banana region exported 10.3 million racemes. Colombia was the third banana producer in the world. Banana exports

⁹² *Ibidem*.

⁹³ CARO, Jorge Enrique Elías apud ORTEGA, Antonio Vidal. **La Masacre obrera de 1928 en la zona bananera del Magdalena-Colombia: Una historia inconclusa**. p. 25.

represented 7% of the total of the country and the largest source of employment in the Colombian Caribbean.⁹⁴

Parte da população local empregada pela UFC possuía seu vínculo com a empresa tão-somente por meio de contratos, pois, assim, não se incluía os ‘encargos sociais’ à Companhia. Líderes sindicais, anarcossindicalistas e comunistas convocaram uma greve pacífica que durou 28 dias, entre novembro e dezembro de 1928.

3.3. O MASSACRE DAS BANANEIRAS

A greve que culminou no Massacre estava de acordo com a supracitada *Ley de Huelgas*. Ou seja, os trabalhadores estipularam seus objetivos para a paralisação de maneira prévia, a fim de tornar possível o *arbitramento* – que, no entanto, não se realizou. As petições elencadas eram nove, os quais se seguem: seguro coletivo, regulamentado pelas leis 37 de 1921 e 32 de 1922; responsabilização por acidentes de trabalho, assegurado pela Lei 57 de 1915; dormitórios adequados e descanso dominical, estabelecidos pelas leis 46 de 1918, 15 de 1925 e 57 de 1926; incremento salarial de 50% aos que recebiam menos de \$100 pesos por mês; abolição do sistema de créditos; pagamento semanal; extinção das lojas administradas pela empresa; abolição do sistema contratual; e, por fim, a garantia de um sistema hospitalar adequado.

A partir das objetivações, existem algumas considerações que se fazem necessárias. A UFC contava com uma infraestrutura própria de “*administrative offices*”⁹⁵, nos quais se vendiam mercadorias alimentícias com 20% de desconto aos trabalhadores. No entanto, como estratégia de venda, mesmo durante os períodos de inflação ao longo da década de 1920, manteve os salários e preços abaixo do comércio local, determinando a dependência dos trabalhadores aos insumos comercializados pela empresa.

Além disso, a Companhia passou também a pagar os salários não mais em pesos, mas em *cupons* – utilizados como vale compras tão-somente nos *administrative offices*. Representantes do comércio local entraram em acordo com os trabalhadores, e assim puseram dentre as demandas a manipulação do comércio regional pela UFC, visto que em 1928 chegaram barcos *White Fleet*, da Companhia, carregados de mercadorias advindas da Europa, EUA e das ilhas caribenhas, para serem negociadas em Barranquilla.⁹⁶

⁹⁴ *Ibidem*.

⁹⁵ Pontos de venda pertencentes à UFC, manipulando o comércio local.

⁹⁶ CARO, Jorge Enrique Elías apud ORTEGA, Antonio Vidal. **The worker’s massacre of 1928 in the Magdalena Zona Bananera - Colombia. An unfinished story**. Año 9, N°18. Barranquilla, Diciembre 2012. ISSN 1794-8886. p. 30.

Outra reivindicação dos trabalhadores era a construção de latrinas individuais, além de água encanada. Outrossim, o sistema de contratos fazia com que a multinacional não houvesse vínculo empregatício diretamente com os trabalhadores, mas sim por intermédio de um contratante – o que culminava em uma espécie de subemprego. Com isso, abstinha-se de encargos sociais, estabelecidos por Lei. Dessa maneira, retomando à noção de *arbitramento*:

By the end of November the Magdalena Agriculture Society tried to find a solution to the situation. They named a Commission and along with the Chief of the Work Office and the workers' delegates would have a meeting with the UFC since the conflict was affecting everyone's interests. *The multinational rejected meeting the Commission stating that the workers were out of the law.* The representatives of the workers left for Ciénaga with the aim of convincing their fellow workers to abandon the region. They also demanded the arbitration as a last legal resort.⁹⁷

Como percebemos, a UFC negava veementemente que os trabalhadores em protesto eram empregados da empresa – tornando-a ilegítima. Os representantes escolhidos pelos trabalhadores foram Erasmo Coronel, Nicanor Serrano e Pedro M. del Río, por meio dos quais o então gerente da UFC em Santa Marta deveria negociar – Thomas Bradshaw, já supracitado.⁹⁸ A referida comissão, da citação acima, era composta não somente pelos mencionados representantes dos operários, mas também por indivíduos como Ignacio Torres Giraldo, Maria Cano, Alberto Castrillón e pelo próprio Raúl Eduardo Mahecha.⁹⁹ No geral, incluíam-se os pequenos comerciantes, políticos liberais, líderes sindicais, anarcossindicalistas, revolucionários e agricultores autônomos.¹⁰⁰

No sábado, 1 de dezembro de 1928, o exército enviou a Santa Marta um comboio de aproximadamente 200 indivíduos. A partir de então, iniciou-se o bloqueio das linhas férreas, além dos telégrafos, tornando a localidade incomunicável por vários dias. Até mesmo o governo central se encontrou com dificuldades de informar-se a respeito dos ocorridos em Santa Marta e Aracataca, obtendo informações tão-somente por meio do que outros municípios informaram a respeito – sobretudo o de Calamar, no departamento de Bolívar.

Receando a paralisação completa das atividades, e a segurança dos trabalhadores estadunidenses da UFC, a embaixada norte-americana enviou um navio comercial para dar refúgio, caso necessário. Entretanto, nos portos de Ciénaga havia também navios de guerra, dentre os quais um com canhões, que atracou dias antes do Massacre, denominado

⁹⁷ *Ibidem*, p. 32. Grifos próprios.

⁹⁸ Ver pág. 31.

⁹⁹ Sobre Mahecha, ver pág. 27.

¹⁰⁰ CARO, Jorge Enrique Elías apud ORTEGA, Antonio Vidal. **The worker's massacre of 1928 in the Magdalena Zona Bananera – Colombia. An unfinished story.** Año 9, N°18. Barranquilla, Diciembre 2012. ISSN 1794-8886. p. 31-34.

Colômbia.¹⁰¹ A magnitude do evento atingiu também o âmbito comercial. Vendas fecharam as portas, alegando a falta de segurança, além da dificuldade em obter mercadorias, em razão dos bloqueios exercidos tanto pelo Exército quanto pelos grevistas – o Exército, particularmente, havia ocupado as linhas férreas, e, portanto, obteve o controle total deste trânsito. A própria UFC obteve prejuízos incomensuráveis, visto que bananas apodreceram por estarem impedidas de transporte. Jorge Elías Caro aponta que:

La United Fruit trató de embarcar 13 000 racimos de banano que había cortados en estas fincas; pero a raíz de la paralización del tren por parte del ejército y los posteriores actos de protesta de algunos manifestantes que se acostaron en la vía férrea con el objeto de obstaculizar el paso o la marcha del tren, en protesta a las atrocidades que venían cometiendo las autoridades, originaron que la fruta cortada no pudiera trasladarse de las plantaciones al puerto de Santa Marta, madurándose mientras se esperaba el desenlace del conflicto.¹⁰²

Os trabalhadores, liderados pelas organizações sindicais, articularam formas de boicotar centros comerciais que estivessem vinculados ao Governo ou à UFC. Ainda de acordo com Jorge Elías Caro:

Un mecanismo de presión ejercido por los huelguistas para que los comerciantes de la región apoyaran sus iniciativas obreras y de movimientos sociales en pro de la igualdad, condiciones dignas de vivienda, salud y educación y de la no explotación laboral fue el hecho de adiestrar a las personas en sentido de unión y fraternidad para que no compraran en los establecimientos del mercado público y en otras casas comerciales si la transacción no estaba autorizada por el Sindicato Obrero.¹⁰³

No dia 04, dois dias antes do Massacre, o jornal *La Claridad* publicou um artigo por meio do qual se convocava os trabalhadores, camponeses e operários, ao *IV Congreso Nacional Obrero*. Na matéria, expõe-se as principais reivindicações do Congresso: atenção à “questão agrária”, nos conflitos entre arrendatários e colonos e à “questão industrial”; educação integral; discutir o direito à organização, sindical e estudantil; e a nomeação de delegados para o comparecimento na Conferência Continental, realizada em Buenos Aires, no dia 1º de maio.¹⁰⁴

¹⁰¹ CARO, Jorge Enrique Elías apud ORTEGA, Antonio Vidal. **The worker’s massacre of 1928 in the Magdalena Zona Bananera – Colombia. An unfinished story**. Año 9, N°18. Barranquilla, Diciembre 2012. ISSN 1794-8886. p. 31-34.

¹⁰² CARO, Jorge Enrique Elías. **La Masacre obrera de 1928 en la zona bananera del magdalena-Colombia: Una historia inconclusa**. Andes, vol. 22, enero-junio, 2011. Instituto de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades Salta, Argentina. p. 13.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 14.

¹⁰⁴ **IV Congreso Nacional Obrero: Mensaje convocatoria a todos los proletarios del país**. La Claridad, Colômbia: Bogotá, 4 de dezembro de 1928. Disponível em <https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/198043>.

Na véspera do Massacre, dia 05 de dezembro, o governo do departamento de Magdalena, encarregado pelo conservador Nuñez Roca, declarou estado de sítio e toque de retirada. Além disso, nomeou o General Carlos Cortés Vargas enquanto Chefe Civil e Militar da região. Ainda no dia 05, terça-feira, chegou aos trabalhadores a notícia de que Núñez Roca emitiu um decreto ordenando a dispersão dos grupos rebelados. Entretanto, por não haver negociado com nenhum representante trabalhista, tão-somente obedecendo interesses da “*bananocracia*”, os grevistas intensificaram suas manifestações e protestos – ao que nos indica, ainda de maneira pacífica.¹⁰⁵

Em seguida, anunciaram aos trabalhadores que tanto ele, Cortés Vargas, quanto o gerente da UFC chegariam no dia 06 para proporem um acordo pacífico, o que no entanto não ocorreu. O Exército foi então incumbido de seguir o decreto, e ordenar a dissipação da massa grevista. Uma vez que chegaram à praça principal, onde os grevistas estavam então alocados, pronunciaram integralmente o decreto e deram 15 minutos para que a multidão se dispersasse. Contudo, os trabalhadores intensificaram suas agitações; entoando gritos de “*viva Colombia*”. Nesse ínterim, os militares alertaram em voz alta que iriam soar uma corneta três vezes, com intervalos de um minuto. Na última vez, caso a mobilização não se houvesse desagregado, iriam abrir fogo à população. A praça se localizava frente à estação ferroviária de Ciénaga, onde se aglutinava um quantitativo até hoje desconhecido de cadáveres e feridos.

A inconclusão a respeito da mortandade diz respeito à iniciativa de Cortés Vargas em ocasionar uma desinformação generalizada, de maneira subserviente aos interesses da UFC. A magnitude dos eventos já havia alcançado uma cobertura relevante na imprensa internacional, também a respeito do combate que havia sucedido envolvendo militares e trabalhadores. Como tentativa de atenuar estas narrativas, o então ministro de Guerra general Ignacio Rengifo anunciou que as cifras diziam respeito a 8 mortos e 20 feridos. Uma semana após o evento, jornais noticiaram cifras na casa de 100 mortos e 200 feridos. Entretanto, Aviva Chomsky, ao ter analisado documentos diplomáticos da época, infere que houve comunicações anunciando mais de mil mortos.¹⁰⁶ Aponta Elías Caro:

¹⁰⁵ CARO, Jorge Enrique Elías. **La Masacre obrera de 1928 en la zona bananera del magdalena-Colombia: Una historia inconclusa**. Andes, vol. 22, enero-junio, 2011. Instituto de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades Salta, Argentina. p. 16.

¹⁰⁶ Chomsky, Aviva. “Los hechos de la masacre de las bananeras”, ponencia en Coloquio Internacional 80 años del Conflicto de las Bananeras, conmemoración de un hecho de historia económica y social más allá del realismo mágico, Santa Marta, 2009. In: CARO, Jorge Enrique Elías. **La Masacre obrera de 1928 en la zona bananera del magdalena-Colombia: Una historia inconclusa**. Andes, vol. 22, enero-junio, 2011. Instituto de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades Salta, Argentina. p. 17.

Era tal la manipulación de la información que hasta el periódico The Times de New York informaba de manera extensa y tendenciosa que los disturbios obreros de la región bananera de Colombia eran provocados y encabezados por agitadores mexicanos que dos décadas antes habían liderado los procesos de la Revolución de ese país.¹⁰⁷

O problema central, no entanto, não necessariamente reside no número de óbitos, ou tampouco de feridos. Sobretudo em razão de que a objetividade histórica em sua completude é ilusória. Em qualquer fenômeno, depende-se de uma multiplicidade de perspectivas, por meio das quais se atribui camadas de significados. A magnitude alcançada pelas greves, principalmente após o Massacre, é revelador da própria brutalidade do ocorrido. Sejam 10 óbitos, sejam 3.000, a distância de quem emitiu o decreto que desembocou no evento até a realização do morticínio, pelos militares, evoca uma discussão levantada por Hobsbawm, a respeito das atrocidades cometidas ao longo do século XX. Em *Era dos extremos*:

As maiores crueldades do nosso século foram as crueldades impessoais decididas a distância, de sistema e rotina, sobretudo quando podiam ser justificadas como lamentáveis necessidades operacionais.¹⁰⁸

Necessidades operacionais essas que, no caso do Massacre, envolviam diretamente a continuidade das exportações “a preço de banana”. Conceitos expressam sentido, sobretudo quando ganham legitimidade popular. É o que acontece, por exemplo, no caso das Repúblicas das bananas. Referindo-se inicialmente aos países caribenhos, o termo passou a ser atribuído de maneira generalizada a toda parcela latino-americana do continente que se compreenda de maneira subserviente a uma potência estrangeira, desrespeitando a legalidade e o interesse público. As tropas militares da zona bananeira, por exemplo, foram denunciadas por Jorge Eliécer Gaitán por terem recebido recursos para defender os interesses por parte da UFC. Além de incrementar os salários dos militares, a Companhia os fornecia “*grandes cantidades de cerveza, cigarrillos y otros artículos [...] y un alto empleado de la frutera pagaba a la policía más de \$500*”.¹⁰⁹

Jorge Eliécer Gaitán (1898-1948) ganhou popularidade após o Massacre, denunciando-o diversas vezes dentro do Congresso. O advogado era o então representante da Câmara dos deputados em 1928, e era forte candidato às eleições presidenciais de 1949. Gaitán era representante de uma emergente via do Partido Liberal, por meio da qual ampliava os horizontes do partido a ideias progressistas e socialistas. Entretanto, no dia 9 de abril de

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 18.

¹⁰⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: Uma breve História do século XX*.

¹⁰⁹ INÉS, Mena Lucila. *La huelga de la compañía bananera como expresión de lo Real Maravilloso americano en Cien años de soledad*. In: Bulletin Hispanique, tome 74, n° 3-4, 1972. pp. 379-405. p. 384.

1948, às 13:05, Gaitán foi assassinado no centro de Bogotá. Foi então que se desencadeou uma força colérica de manifestantes. À noite, com as luzes apagadas, os incêndios iluminavam a cidade. O evento ficou conhecido como *Bogotazo*, e foi seguido de um conflito civil conceituado como *La violencia*.¹¹⁰

A reconstrução do Massacre em *Cem anos de solidão* reproduz com certa fidelidade algumas cenas do ocorrido. Além disso, recria alegoricamente situações vivenciadas coletivamente na zona bananeira. É o caso de Petra Cotes. Esposa do capataz da companhia bananeira da família Buendía, José Arcadio Segundo, Petra Cotes designa a abundância proporcionada aos entes próximos dos interesses da Companhia.

Realizava-se, portanto, festas e orgias proporcionadas pela alta reprodutibilidade das galinhas, porcos e gados quando na presença de Petra Cotes. A alta mortandade dos animais no quintal da família Buendía chegou a tal ponto que o chão em um lamaçal de tanto sangue apodrecido, os mesmos nos quais continuava se realizando as festas de fartura. Não que a personagem tenha como única condição designar completamente os prestígios da UFC, no romance. Isto é, sua virtude de ocasionar a reprodução ilimitadas dos animais é uma de suas qualidades, que pode ser tomada na qualidade de alegoria à UFC.

A respeito da narrativa do Massacre em si, como já foi dito, o número exato de óbitos parte de uma inconclusão. No entanto, em *Cem anos de solidão*, José Arcadio Segundo aponta que teriam aproximadamente 3.000 trabalhadores mortos, transportados nos vagões para serem despejados no mar. Antes disso, ainda no momento da greve, Gabo segue fielmente a narrativa do General Carlos Cortés Vargas, em seu livro *Los sucesos de las bananeras*. As tropas militares, ao chegarem à praça, deram ordem de silêncio.

Em seguida, leram em voz alta, com um megafone, o Decreto Número 4 do Chefe Civil e Militar da província, que estava assinado tanto pelo General Carlos Cortes Vargas quanto por seu secretário, Major Henrique García Isaza. Após o decreto ter sido lido, a multidão entoava vaias. Logo, um capitão tomou o megafone e anunciou que os protestantes deveriam se retirar em 5 minutos - após passar o referido tempo, anunciou mais um minuto e, caso contrário, atiraram contra a população. José Arcadio Segundo então levantou a voz e gritou: *Cornos! Podem levar de presente o minuto que falta*. Essa narrativa também está presente em "*Los sucesos de las bananeras*", do General Carlos Cortés Vargas.

¹¹⁰ FAULHABER, Priscila. **Repensando a historicidade discursiva no exame das trajetórias políticas de dois líderes nacionalistas da Colômbia**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 3, p. 609-624, set., 2010.

Podemos perceber que García Márquez segue quase fielmente os escritos do General. Entretanto, a modifica. Reedita-a. Faz dela seu uso próprio, autoriza-se a repensá-la. Sem artifícios historiográficos que o embasassem, o autor reconstruiu cenários. Não obstante, personagens existentes permaneceram com seus nomes registrados na novela – como é o caso do próprio General. Cortés Vargas, oficialmente, não estava presente no momento do Massacre das bananeiras, mas teria assinado o decreto de número 4 – ainda que não tenha sido ele quem o escreveu. Em *Cem anos de solidão*, além de ter escrito, ordenou que abrisse fogo à multidão, caso houvesse a hesitação na retirada.

É válido ressaltar que, no romance, enquanto se pronunciava o decreto de número 4, José Arcadio levantou um menino de 4 anos à nuca, que estava a seu lado, para que ouvisse melhor. Esses dois personagens foram os únicos testemunhos que restaram do Massacre. Narra-se:

Muchos años después, el niño había de contar todavía, a pesar de que los vecinos seguían creyéndolo un viejo chiflado, que José Arcadio Segundo lo levantó por encima de su cabeza, y se dejó arrastrar, casi en el aire, como flotando en el terror de la muchedumbre, hacia una calle adyacente. La posición privilegiada del niño le permitió ver que en ese momento la masa desbocada empezaba a llegar a la esquina y la fila de ametralladoras abrió fuego.¹¹¹

Além disso, José Arcadio Segundo chega a se assemelhar à posição de Jorge Eliécer Gaitán. Ao longo da narrativa do Massacre, José Arcadio Segundo é desvanecido e desmaia, frente a uma multidão que jorrava torrentes de sangue, a escoar pelas ruas da pequena praça. Despertando, percebe-se dentro de um vagão, amontoado junto aos três mil mortos. Transitava taciturno de um vagão a outro, na escuridão noturna, observando os vultos de soldados vigias que passavam fortemente armados. Ao conseguir escapar, caminha por quase três horas sob intensas chuvas, até encontrar a casa de uma moradora que, ao perceber seu estado, logo o acolhe. No entanto, quando José Arcadio Segundo menciona o ocorrido, a dona da casa logo afirma que “*Desde los tiempos de tu tío, el coronel, no ha pasado nada en Macondo*”.¹¹²

¹¹¹ García Márquez, Gabriel. 1968. **Cien años de soledad**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. Pág. 365.

¹¹² MÁRQUEZ, Gabriel García. 1968. **Cien años de soledad**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. p. 368.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amaranta Úrsula é representada, no romance, como resistência à versão oficialmente disseminada pelas instituições sociais de Macondo. Dessa forma, ensinou ao último Aureliano os males da companhia bananeira, de tal forma que passou a antagonizar a versão ensinada pelos historiadores. Diz-se:

Enseñó al pequeño Aureliano a leer y a escribir, lo inició en el estudio de los pergaminos, y le inculcó una interpretación tan personal de lo que significó para Macondo la compañía bananera, que muchos años después, cuando Aureliano se incorporara al mundo, había de pensarse que contaba una versión alucinada, porque era radicalmente contraria a la falsa que los historiadores habían admitido, y consagrado en los textos escolares.¹¹³

Essa cena nos auxiliará a estipular uma forma de operar com a literatura para o ensino de História. Isso porque ela nos lança à reflexão sobre a autoridade escolar, e a autenticidade de sua narrativa – problematizando a veracidade dos textos escolares, ainda que escritos por profissionais em História. Como mencionamos, *Cem anos de solidão* é também uma contraposição ao livro do General Carlos Cortés Vargas, intitulado de *Los sucesos de las bananeras*. A narrativa pretensamente oficial do General se introduziu como silenciamento, em relação aos discursos divergentes que foram intensamente perseguidos após o Massacre. Na memória social e, sobretudo, na oralidade, permaneceu-se a tragédia – tanto que o termo Massacre para se referir ao ocorrido já é uma denúncia à narrativa do General, que tentava amenizar a mortandade.

Dessa forma, a História enquanto campo disciplinar não se abstém do jogo político – e, portanto, das relações de poder. *Cem anos de solidão*, ainda que não seja um texto de cunho historiográfico, é marcado pela oralidade. García Márquez escreveu partindo das narrativas familiares, isto é, oralizadas. Por meio do mito, o colombiano vitalizou textualmente o discurso compartilhado entre as classes trabalhadoras colombianas, do qual o Massacre é representativo do alinhamento do Exército aos interesses da UFC. Assim, a literatura, sem sua pretensão de verdade, pôde imiscuir-se nos interstícios do debate público, levantando novamente a questão do Massacre, que foi intensamente revisitado por historiadores desde então.

Para além do Massacre particularmente, *Cem anos de solidão* é também uma denúncia à violência de Estado – tão frequente entre os regimes latino-americanos. Não coincidentemente, o livro foi publicado 9 anos após o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán –

¹¹³ MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cien años de soledad**. Ediciones Cátedra: Madrid, 2007. p. 284.

deputado que tratou de denunciar o Massacre dentro do Congresso colombiano ao longo da década de 1930.

Dessa forma, somos levados a refletir sobre as condições envolvidas na construção de um texto. Contrapor *Los sucesos de las bananeras* a *Cem anos de solidão* foi uma tarefa realizada por Robert Lewis Sims, em *The Banana Massacre in Cien Años De Soledad: A Micro-Structural Example of Myth, History and Bricolage*. O autor infere claras distinções entre os dois textos; no escrito de Carlos Cortés Vargas, pretende-se uma narrativa objetiva, científica, assemelhando ao ofício de um engenheiro. Na narrativa de García Márquez, por outro lado, o autor aplica o conceito de bricolagem¹¹⁴ – trabalhado por Lévi-Strauss, e que designa uma operação fundamental para se construir uma narrativa mítica.

A objetividade de Carlos Cortés Vargas contém em si uma finalidade retórica bem delineada. Ela se constitui objetiva para ocasionar no leitor um *efeito de verdade* – note, um efeito. García Márquez, por outro lado, tampouco se importou com a verdade. Porém, o discurso de *Cem anos de solidão* atinge o ponto interditado por Cortés Vargas, ou seja, as classes populares. É nesse ponto que o Massacre constitui um ponto de inflexão dentro de *Cem anos de solidão*; o tempo de prosperidade que precede ao Massacre é seguido pela devastação de Macondo, que o prossegue. É uma alegoria à atividade de multinacionais norte-americanas na América Latina, como um todo.

No entanto, como já dito, *Cem anos de solidão* não se constitui enquanto texto historiográfico. Além disso, as fronteiras entre a literatura e a História são sempre fluidas, e difíceis de serem estipuladas. Não à toa, a corrente construtivista e o ceticismo extremo, popularizados por Hayden White, consideram a História como uma protociência, assim como a literatura. O debate entre ficção e não ficção se estendeu intensamente ao fim do século XX, mas não o adentraremos. Para nós, vale mencionar a proximidade da literatura com a História por meio da função autor. Foucault, em seu texto *O que é um autor?* infere que: “a

¹¹⁴ “Em sua acepção antiga, o verbo bricoler aplica-se ao jogo de péla e de bilhar, à caça e à equitação, mas sempre para evocar um movimento incidental: o da péla que salta muitas vezes, do cão que corre ao acaso, do cavalo que se desvia da linha reta para evitar um obstáculo. E, em nossos dias, o bricoleur é aquele que trabalha com suas mãos, utilizando meios indiretos se comparados com os do artista. Ora, a característica do pensamento mítico é a expressão auxiliada por um repertório cuja composição é heteróclita e que, mesmo sendo extenso, permanece limitado; entretanto, é necessário que o utilize, qualquer que seja a tarefa proposta, pois nada mais tem à mão. Ele se apresenta, assim, como uma espécie de bricolage intelectual, o que explica as relações que se observam entre ambos.” In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1969. p. 32.

função-autor é característica do modo de existência, circulação e funcionamento de certos discursos no seio de uma sociedade.”¹¹⁵

É desse modo que podemos articular Gabriel García Márquez às circunstâncias autorais após a Revolução Cubana. Seus livros são também maneiras de interpretar os eventos que vivia. Bem como ocorre ademais com o Llosa – após sua dissidência com as premissas da Revolução, com o mencionado caso Padilla¹¹⁶, escreveu *O chamado da Tribo*. As denúncias ao monopólio norte-americano na América Latina ocorreram em um cenário de Guerra Fria, e eram intensamente reprimidas pelo “medo do comunismo” – sobretudo após a Crise dos mísseis, em 1962.

Na perspectiva do ensino de História, a literatura pode ser intercalada como um recurso didático ao conhecimento histórico. Existem várias dificuldades neste processo, e balizá-lo requer estratégias bem delimitadas de ensino. O componente maravilhoso na análise do real, em *Cem anos de solidão*, torna ainda mais dificultoso realizar as distinções pretendidas. Joan Pagès Blanch infere que:

As fontes literárias – as novelas, os poemas, os contos, os livros de viagem, as lendas ou romances, por exemplo – são, portanto, uma classe de fontes escritas que permitem diminuir, de maneira amena e relativamente fácil, a distância entre o passado e as suas evidências a todos os tipos de alunos da escola obrigatória.

Essa proximidade que pode ser ocasionada a partir de *Cem anos de solidão* ao Massacre das bananeiras traz a possibilidade de compreender o movimento sindical colombiano no início do século XX – assim como sua inserção no cenário internacional, com a Revolução Mexicana ou a Primeira Guerra Mundial. Figuras como o já citado Raúl Eduardo Mahecha são imprescindíveis para a análise das pretensões de revolução social na América Latina à época do Massacre. Sua participação em congressos socialistas e movimentos sindicais lançam uma nova luz para a compreensão de *Cem anos de solidão* – ainda que Mahecha não seja citado na novela.

Além disso, observamos também a possibilidade de analisar hábitos cotidianos de outras culturas. Alimentação, crenças e hábitos são pormenorizadamente constituintes de *Cem anos de solidão* – como representante de um povo colombiano. Problemáticas como o liberalismo e conservadorismo na América Latina podem também ser elencadas para uma

¹¹⁵ FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. pp. 278.

¹¹⁶ Ver pág. 26.

melhor compreensão do Outro, à medida em que este Outro é também uma composição de nós mesmos, latino-americanos.

Em suma, ainda que o real seja dotado de ornamentos ficcionais e maravilhosos, em *Cem anos de solidão* cabe uma multiplicidade de análises históricas. Tentamos, por meio deste trabalho, delinear uma ampla gama de associações possíveis de serem compreendidas a partir da novela. Sua historicidade e autoria foram centrais para a discussão. Porém, em se tratando de uma obra literária, não podemos esquecer do que já foi dito na introdução. Isto é, a distensão da alma e a multiplicidade da experiência de tempo, provocada pelo texto. Dessa forma, pretendemos que, além de auxiliar às aulas de História, a literatura complementa a compreensão de mundo dos alunos. A respeito disso, Ricoeur se apropria dos escritos platônicos, e infere que:

“Imagino que nossa alma se assemelha a um livro” (38e). “Como? pergunta Protarco. Segue-se a explicação: “A memória, sugere Sócrates, no seu encontro com as sensações e com as reflexões (*pathemata*) que esse encontro provoca, parece-me então, se é que posso dizê-lo, escrever (*graphein*) discursos em nossas almas e, quando uma reflexão (*pathema*) inscreve coisas verdadeiras, o resultado em nós são uma opinião verdadeira e discursos verdadeiros. Mas, quando aquele escrevente (*grammateus*) que há em nós escreve coisas falsas, o resultado é contrário à verdade” (39a). Sócrates propõe então outra comparação, com a pintura, variante do grafismo: “Admite também que um outro obreiro (*demiourgos*) trabalha, nesse momento, em nossas almas” (39b). Qual? “Um pintor (*zographos*), que vem depois do escrevente e desenha (*graphei*) na alma as imagens que correspondem às palavras.”¹¹⁷

¹¹⁷ RICOEUR, Paul. **A memória, a História, o esquecimento**. Editora da UNICAMP: Campinas, 2017. pp. 33.

REFERÊNCIAS

- BLANCH, Joan Pagès. **As fontes literárias no ensino de história**. OPSIS, v. 13, n. 1, p. 33-42, 2013.
- BORGES, Jorge Luis. **El espejo y la máscara**. El libro de arena: Madrid, 1975. Alianza Editorial, 1997, pp. 80-86.
- CARO, Jorge Enrique Elías apud ORTEGA, Antonio Vidal. **The worker's massacre of 1928 in the Magdalena Zona Bananera – Colombia: An unfinished story**. Revista digital de Historia y Arqueología desde el Caribe colombiano. Año 9, N°18. Barranquilla, Diciembre 2012. ISSN 1794-8886.
- CARVALHO, Annelise Gomes de. **O 9 de abril de 1948: Tragédia política e motim urbano na Colômbia**. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2017.
- CHARTIER, Roger. **Debate: Literatura e História**. Topoi: Rio de Janeiro, 1999. N° 1, pp. 197-216.
- CORREIA, Janaina dos Santos. **O uso da fonte literária no ensino de História: Diálogo como romance “Úrsula” (final do século XIX)**. História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 2, p. 179-201, jul./dez. 2012.
- DELAMUTA, Karen García. ENGEL, Priscila. ADOUE, Silvia Beatriz. **Cien años de soledad y la masacre de Aracataca**. Universidad Nacional de La Plata: Argentina, 2006.
- DOS SANTOS, Ademar Firmino. **Entre fatos e artefatos: Literatura e ensino de História nos encontros acadêmicos nacionais (1979-2007)**. SciELO-EDUEL, 2014.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. L&PM: Porto Alegre, 2019.
- GERLING, Vera Elisabeth. **“Cien años de soledad” y las falsedades de la historiografía**.
- HART, Stephen. **Magical Realism in Gabriel García Márquez’s “Cien años de soledad”**. INTI No. 16/17, GABRIEL GARCÍA-MÁRQUEZ: LECTURAS TEXTUALES Y CONTEXTUALES (OTOÑO 1982-PRIMAVERA 1983), pp. 37-52 (16 pages)
Published By: INTI, Revista de literatura hispánica; Roger B. Carmosino, Founder, Director-Editor, 1974.
- INÉS, Mena Lucila. **La huelga de la compañía bananera como expresión de lo Real Maravilloso americano en Cien años de soledad**. In: Bulletin Hispanique, tome 74, n° 3-4, 1972. pp. 379-405.
- JABLONKA, Ivan. **La historia es una literatura contemporánea: Manifiesto por las ciencias sociales**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

JOIRO, Hernán Urbina. **El amor en los tiempos de "Cien años"**. Rev. Colomb. Reumatol. vol.15 no.3: Bogotá, 2008.

LIMA, Luís Costa. **História. Ficção. Literatura**. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

LLOSA, Mario Vargas. **García Márquez: Historia de un deicidio**. Monte Avila Editores: Barcelona, 1971.

MÁRQUEZ, Gabriel García. 1968. **Cien años de soledad**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

MARTINS, Maria Cristina Bohn apud MASSERONI, Vinícius de Oliveira. **Cem anos de solidão: Gabriel García Márquez entre literatura e história**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS Vol. 12 Nº 24, Julho - Dezembro de 2020

PALENCIA-ROTH, Michael. **The Art of Memory in Garcia Miarquez and Vargas Llosa**. MLN, Vol. 105, No. 2, Hispanic Issue (Mar., 1990), pp. 351-366

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa - Tomo I**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1997.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa - Tomo II**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1997.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa - Tomo III**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1997.

SIMS, Robert Lewis. **The Banana Massacre in Cien Años De Soledad: A Micro-Structural Example of Myth, History and Bricolage**. Chasqui, Vol. 8, No. 3 (May, 1979), pp. 3-23.

SOARES, Cristiane de Souza. **As representações literárias e o ensino de História: discutindo História pela literatura**. V Colóquio de História: Perspectivas Históricas. UNICAP: Recife, 2011.

STRAUSS, Danie. **Understanding the Linguistic Turn and the Questfor Meaning: Historical Perspectives and Systematic Considerations**. South African Journal of Philosoph: Dept of Philosophy, University of the Free State, Bloemfontein 9300, P.O. Box 339. Published online: 04 Jun 2013.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

TEJA, Ada Maria. **El tiempo en: Cien años de soledad**. Chasqui, Vol. 3, No. 3 (Mayo - 1974), pp. 26-39

TORRES, Leidy Jazmín. **Bananeras: Huelga y masacre 80 años**. Universidad Nacional de Colombia: Bogotá, 2009.